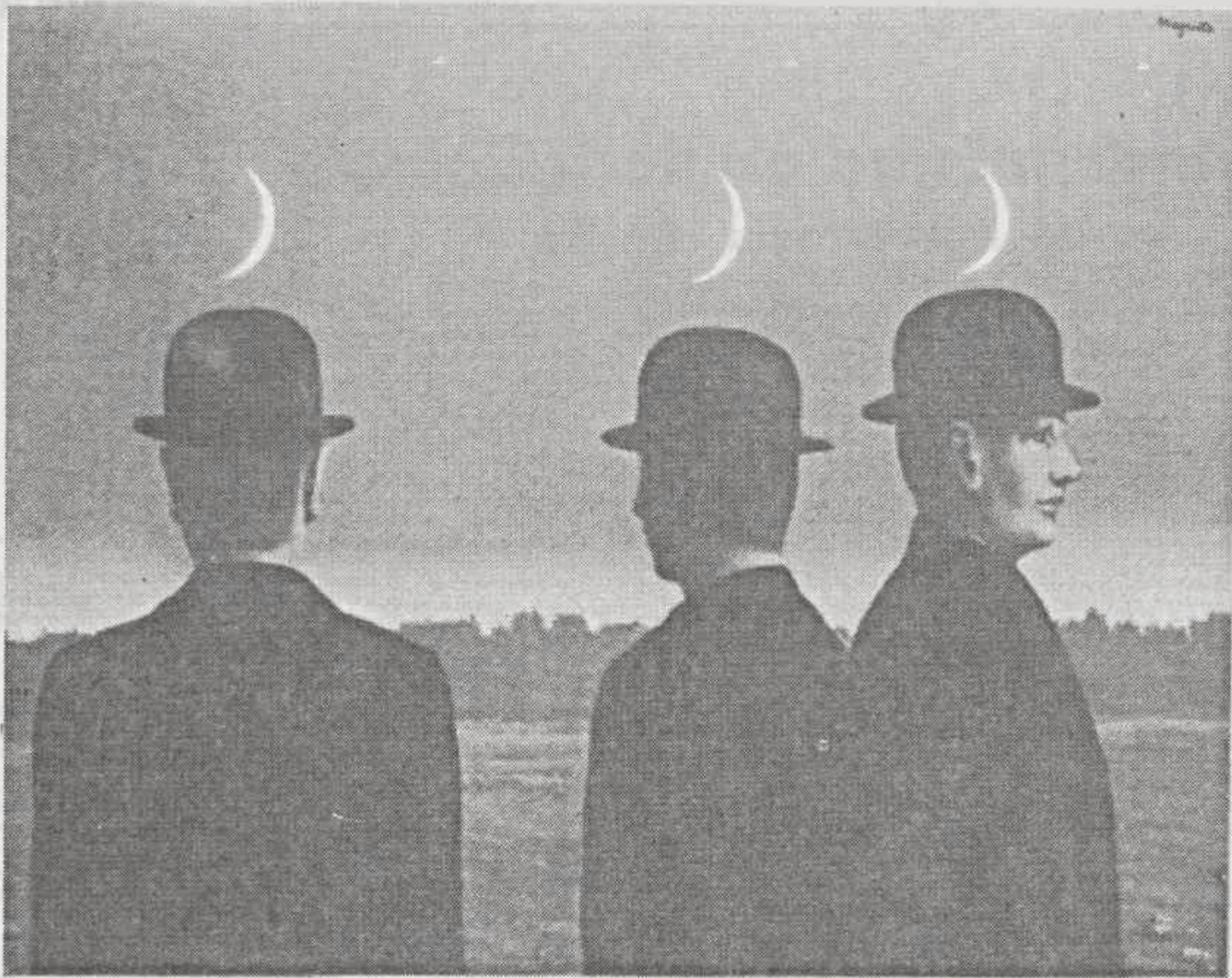


# A BATALHA

jornal de expressão anarquista



Os mistérios do Horizonte, René Magritte, 1955.

## Editorial

Vem aí novo ano e é de uso formular, nesta altura, votos de felicidades para o ano que começa. Trata-se de um exercício de simpatia e boas maneiras que tem pouco a ver com a concretização dos votos. Na realidade, na situação internacional como na nacional, nada auspicia um futuro melhor para a generalidade das pessoas. "As chagas de 1994" continuam abertas e o pai natal esqueceu-se de incluir os remédios no seu saco de prendas. Grandes interesses movem as consciências no sentido que a esses interesses convem, manipulando-as para aceitar a injustiça e para participar mesmo activamente nos mecanismos que vão agravar a desigualdade entre os homens e a delapidação dos recursos naturais. A luta contra essa manipulação não passa, contrariamente ao que se pretende fazer crer, pela multiplicação dos meios de comunicação social manipuladores, sejam eles televisivos, radiofónicos ou jornalísticos. Passa sim pela criação de meios de comunicação alternativos que desmascarem a manipulação, que forneçam a informação deliberadamente omitida e que promovam a reflexão. Promover a reflexão é o único meio de transformar criaturas passivas e facilmente manipuláveis em indivíduos livres e criadores. É algo radicalmente distinto de manipular em sentido diverso das forças dominantes - uma distinção nem sempre claramente apreendida. O ensino é um problema conexo com o da informação e será igualmente abordado nas páginas deste jornal. E enfim, intimamente relacionado com o problema da informação, aí

está a "crise" das relações institucionais entre Belém e S. Bento, conflito em que é difícil separar o que é criação da própria comunicação social do que é lançado deliberadamente para essa comunicação social com vista à sua ulterior amplificação. Esta interacção políticos-jornalistas tem por objectivo motivar os eleitores a tomar partido e a votar nas próximas eleições legislativas e deve ser entendida como mera pré-campanha eleitoral. Para suscitar o interesse dos espectadores-audidores-leitores é necessário criar um enredo, explorar os lances, fazer inclinar a vitória alternadamente para um e outro lado, manter a "suspense". É difícil saber se esta telenovela, mesmo alimentada com sucessivos escândalos de corrupção, será capaz de levar a melhor sobre as telenovelas brasileiras. Neste campo os políticos nacionais têm explorado pouco o romanesco dos amores não correspondidos, dos divórcios e ligações extra-conjugais, que têm grande êxito nos países anglo-saxónicos tanto para as candidaturas presidenciais (EUA) como para os pretendentes ao trono (Reino Unido). Talvez porque comprar um andar seja problema mais premente e complexo que arranjar parceiro sexual; ou porque os nossos "leaders" são gente de idade madura, tornando difícil extrapolar do príncipe Carlos para o Dr. Mário Soares ou da princesa Diana para a esposa do Primeiro ministro! Pelo menos a este tipo de crises temos vindo a ser poupados. O facto de uma desgraça nunca vir só não significa que venham todas juntas: para tudo há um limite.



# A BATALHA

O Jornal *A Batalha* surgiu em 23-2-1919, no mesmo ano em que a Confederação Geral do Trabalho (CGT) de que seria porta-voz. A CGT, única confederação sindical existente, agrupava os trabalhadores mais combativos e conscientes da altura e foi, desde início, fortemente influenciada pelas correntes anarquista, anarco-sindicalista e sindicalista revolucionária. Isto determinou a sua total independência face aos partidos e ao poder político e fê-la procurar que as justas reivindicações dos trabalhadores por melhores condições de vida os não deixasse esquecer que só uma profunda transformação económica, social e ética permitiria eliminar a opressão e exploração do homem pelo homem. Repudiou sempre, com notável antevisão, que a libertação dos trabalhadores se pudesse alcançar através duma pretensa "ditadura do proletariado" ou do "Estado-patrão".

Hoje, não ligada a qualquer dos movimentos sindicais existentes, de cujos princípios e prática geralmente discorda (embora tenha o maior respeito pelos trabalhadores que os constituem), *A Batalha* continua a pugnar por uma sociedade assente em formas comunitárias de vida, de essência autogestionária e cooperativa, com total respeito pela liberdade de pensamento e pela autonomia individual, em conformidade com os princípios socialistas libertários por que se norteia.

## Antologia

# Anarquismo ou Socialismo? (Assim escrevia Estaline)

"O socialismo divide-se em três correntes principais: o reformismo, o anarquismo e o marxismo. O reformismo (Bernstein e outros) considera o socialismo um objectivo a longo prazo e nada mais; pelo facto de negar a revolução socialista trata de instaurar o socialismo por via pacífica; não preconiza a luta de classes mas sim a colaboração de classes; este reformismo decompõe-se dia a dia, perde dia a dia todos os rasgos de socialismo e, em nossa opinião, não há necessidade de o analisar neste artigo, ao definir o socialismo.

Coisa completamente distinta ocorre com o marxismo e o anarquismo: ambos são reconhecidos na actualidade como correntes socialistas, ambos sustentam uma luta encarniçada entre si, ambos tratam de apresentar-se aos olhos do proletariado como doutrinas autenticamente socialistas e, claro está, o exame e contraposição dos mesmos será para o leitor muito mais interessante.

Não somos daqueles que, ao ouvir mencionar a palavra "anarquismo" exclamam com desprezo e displicência "que interes-

sa ocuparmo-nos disso, nem sequer vale a pena falar dele!" Consideramos esta "crítica" barata tão indigna como inútil.

Não somos tão pouco os que se consolam dizendo que os anarquistas "não contam com as massas e por isso não são muito perigosos". A questão não está em saber quem seguem hoje as massas, a questão está na essência da doutrina. Se a "doutrina" dos anarquistas é verdadeira por si mesma abrirá o seu caminho para as massas; se a dita doutrina é inconsistente e edificada numa base falsa não subsistirá muito tempo e ficará suspensa no ar. Deve assim ser demonstrada a inconsistência do anarquismo.

Consideram alguns que o marxismo e o anarquismo têm os mesmos princípios, que entre ambos existem só discrepâncias tácticas, de modo que segundo essa opinião é impossível contrapor estas duas correntes.

Trata-se de um grande erro.

Consideramos que os anarquistas são verdadeiros inimigos do marxismo. Por conseguinte reconhecemos que contra os ver-

dadeiros inimigos há que sustentar uma luta verdadeira. E por isso é necessário analisar a "doutrina" dos anarquistas do princípio ao fim, pesá-la cuidadosamente em todos os seus aspectos.

O facto é que marxismo e anarquismo se baseiam em princípios completamente distintos, apesar de se abrigarem ambos debaixo da bandeira socialista. A pedra angular do anarquismo é o "indivíduo", cuja emancipação é, de acordo com os anarquistas, a condição principal da emancipação das massas e da colectividade. Segundo o anarquismo a emancipação das massas é impossível se não se emancipar o indivíduo, pelo que a sua consigna é: tudo pelo indivíduo!

Pelo contrário, a pedra angular do marxismo é a massa, cuja emancipação é a condição principal da emancipação do indivíduo. Quer dizer, de acordo com o marxismo a emancipação do indivíduo é impossível até que se emancipem as massas, pelo que a sua consigna é: tudo pelas massas!

José Estaline  
em *Obras de Estaline*, Moscovo, 1953

# Assim vai o Mundo ...

## Os trabalhadores portugueses trabalham pouco...

É muito vulgar ouvir-se dizer que os trabalhadores portugueses trabalham pouco. Que então depois do 25 de Abril é uma rebeldia, noutros tempos é que era bom, não havia greves mas sim muito respeito.

Afinal segundo estudos ultimamente publicados Lisboa, por exemplo, é das capitais da Europa Ocidental com mais horas de trabalho ao ano. Assim vêm Genebra, Londres e Zurique com 1883, 1880 e 1874 horas/ano de trabalho, Bruxelas, Dublin, Copenhague e Oslo com, respectivamente, 1725, 1727, 1796 e 1728, enquanto Lisboa figura com 1908 horas!

Mas quanto a férias, Lisboa é também a capital da Europa que usufrui menos dias de descanso (férias e feriados), apenas 22 dias, enquanto Londres, Bruxelas, Copenhague, Dublin, Genebra, Milão, Paris e Viena, apresentam respectivamente 22,1, 24,5, 25, 23, 24,8, 27,9 e 26,8. Não está nada mau, os números falam por si!

## A concentração da economia: as multinacionais

A globalização da economia alterou profundamente as relações de trabalho internacional, segundo informa um documento divulgado na Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, através de um relatório sobre as multinacionais. Estas atingem em todo o mundo 37.000 sociedades, que por sua vez controlam 200.000 subsidiárias e são responsáveis por 73.000.000 de trabalhadores directamente e muitos mais indirectamente! Não está mal o panorama e admitindo-se que estas multinacionais não são geridas por anjos nem por santos, pode-se avaliar o que tal monstruosidade representa para a humanidade. Como funcionarão neste quadro as leis do mercado e da livre empresa? De acordo com os pacíficos defensores destes santos princípios tudo se resolverá. Viva o Popper, o maior filósofo do século, que afirma que só um regime de liberdade permite a cada homem obter a sua plenitude!

## Ainda Karl Popper...

Está na moda o Karl Popper, uma das maiores figuras do liberalismo, adepto da "liberdade política" e "económica", da "democracia" e da "economia de mercado". Anti-socialista convicto já lhe chamaram como elogio. Defendia Popper que somente um regime económico onde cada homem é livre e possui os incentivos adequados, como o lucro, permitirá o acesso à felicidade e ao bem estar; isto será talvez verdade para a minoria que possui os tais incentivos e é, portanto, livre; mas os outros? a grande maioria, são os coitados, sem capacidade de trabalho, sem inteligência, devem limitar-se a servir os outros, os iluminados! Parece no entanto que já no fim da vida - Popper morreu há pouco tempo - lhe surgiram algumas dúvidas sobre o seu entusiasmo pelo mercado. É que talvez este fosse importante, mas necessitava de ser controlado. Grandezas e misérias dum filósofo.

Compilado por M.S.R.

## AOS COLABORADORES

- Os artigos não assinados são da responsabilidade da redacção.
- A redacção reserva-se o direito de não publicar ou reduzir, assinalando os cortes efectuados.

Os artigos não solicitados poderão ser recusados, aceites condicionalmente (mediante alterações acordadas com os autores) ou ser diferida a sua publicação em função da programação geral do jornal. Devem ser claros e sucintos, não excedendo três páginas A/4 dactilografadas a dois espaços, título e ilustrações incluídos. Em caso de recusa haverá sempre explicação oral ou escrita aos autores.

## ASSINATURAS

ANUAL / 6 NÚMEROS

Portugal	680\$00
Europa	1650\$00
Extra-Europa:	
Via de superfície	1650\$00
Via aérea	1950\$00

O pagamento poderá ser efectuado por cheque ou vale postal dirigido a A BATALHA, Apartado 50085, 1702 Lisboa Codex.



## A BATALHA

ANTIGO ORGÃO DA C.G.T.

Fundado em 23 de Fevereiro de 1919

Periodicidade Bimestral

## DIRECTOR

Maria Magos Jorge

## REDACÇÃO

Francisco Trindade  
João Santiago  
Luís Garcia e Silva  
Paulo Guimarães  
Sérgio Duarte

## COLABORADORES

António Bracinha Vieira  
António Candeias  
António Cândido Franco  
Bernard Estevez  
Carlos Ramos  
Edgar Rodrigues  
Edson Passetti  
Elisa Areias  
Frank Harrison  
Jorge Colaço  
Jorge Valadas  
Júlio Palma  
Liberto Sarrau  
Manuela Parreira da Silva  
Maria Goretti Matias  
Moisés da Silva Ramos

## COMPOSIÇÃO

Centro de Estudos Libertários

## IMPRESSÃO

Gráfica 2000, Cruz-Quebrada

## REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. Marquês de Ponte de Lima,  
37, 2º Dtº 1100 Lisboa Codex

## PROPRIEDADE

Centro de Estudos Libertários

Inscrito na Direcção Geral  
de Comunicação Social  
nº 104981



# Campos de Concentração Franceses

## Vivências de um refugiado - II

O Campo de Gurs, em termos comparativos com o de Argelès, reunia melhores condições de habitabilidade do que este. Contudo, lá estavam os nossos já familiares enraçados de arames a vedarem-nos qualquer contacto com o exterior. Era como que uma obsessão: sempre que olhassemos em derredor, só víamos arames farpados! O Campo era um rectângulo com mais dum quilómetro de extensão, em pleno campo, a mais duma dezena de quilómetros da vila de Oleron. Havia ali inúmeras barracas de madeira, numeradas, simetricamente dispostas, recobertas de cartão impermeabilizado; cada barraca tinha capacidade para 40 pessoas.

Aquele rectângulo fora parcelado para receber os ex-combatentes das Brigadas Internacionais. Havia ali o grupo alemão, o italiano, o polaco, o austríaco, o americano, o holandês, o búlgaro, o lituano, o romeno, o checoslovaco, o jugoslavo, o português, o cubano, etc. Cada grupo estava confinado num "ilôt", a que correspondia uma letra, totalmente isolado dos outros "ilôts" por divisórias de arames. Pouco depois, porém, aquelas divisórias desapareceram "misteriosamente", e a confraternização entre os ali internados deixou de ser um problema.

Embora não houvesse nas barracas um único punhado de palhas para amenizar o duro contacto do corpo com as tábuas, estávamos em melhores condições do que em Argelès. O que nos surpreendeu era a profusão de canais cavados ao lado das barracas, com cerca dum metro de profundidade, que cruzavam o Campo em todas as direcções. Só mais tarde, na época das chuvas - chuvas autenticamente diluvianas - teríamos consciência da utilidade daqueles para nós insólitos canais.

Havia uma espécie de lavabos, em madeira, ao ar livre, sem cobertura alguma, com várias torneiras fixadas ao longo dum tubo abastecedor, a todo o comprimento dos pretensos lavabos, comum a todos os refugiados. Obviamente que, quando chovia ou nevava, não os podíamos utilizar, dada a carência de um simples telheiro que nos abrigasse da intempérie.

Tal como em Argelès-sur-Mer, também ali não tínhamos enxergas, nem mantas, nem pratos, nem colheres, nem púcaros, mas tínhamos um posto policial, à entrada do Campo, dotado de modernos requisitos científicos que facultavam aos utentes exaustivo exame do físico dos refugiados. Ali fomos fotografados, escalonadamente, todos os ocupantes dos "ilôts", com um número pendente do pescoço. Depois fomos alvo de rigorosíssima inspecção médica, em que a mais insignificante cicatriz ou hematoma, assim como a abundância, ou não, de pelo nas partes pudendas, eram inscritos na ficha policial para o efeito elaborada. Depois de zelosamente medidos, catalogados, fotografados e inspecionados - "simple formalité", como nos disseram os policiais, ficávamos ao abrigo de incómodas buscas, caso nos perdessemos no nosso mundo de arames farpados...

Além do posto policial, sumariamente acima descrito, tínhamos também, no final do Campo, em terrenos adjacentes, o chamado de "Campo de Castigo", um quadrilátero exíguo, rodeado de meticulosa protecção de arames farpados, carente de qualquer espécie de abrigo, por mais rudimentar que o mesmo fosse.

Quando ali vimos um detido, naquela

espécie de jaula, exposto ao frio, à chuva, desprovido de manta, em mangas de camisa, julgamos ser vítima de cruel alucinação. Era lá possível manter alguém em semelhante regime punitivo, durante dias e noites consecutivos? Sim, desgraçadamente, era bem verdade termos diante dos nossos olhos - humedecidos pelo zénite da compaixão e da mais negra desesperança - um homem seminú, dia e noite exposto aos rigores do tempo, em três palmos de terreno, rodeado de arames farpados como se de perigosíssima fera se tratasse! Ah! hemos de convir que razão de sobra assistira a Arthur Koestler, quanto às condições de vida nos Campos de Concentração Franceses, que ele lucidamente classificara de "estarem no zero da infâmia". Sim, aquele tétrico quadro, que tínhamos diante de nós, era inegavelmente o cúmulo da desumanidade, da total carência dos seus princípios e da sentimentalidade que devem coexistir no âmago do género humano.

A inquietante incerteza, referente à situação política internacional, com Hitler a esgrimir exigências territoriais, juntaram-se diluvianas chuvas que nos impediam de sair das barracas. Não havia dúvida, os projectistas da abertura dos canais existentes no Campo conheciam bem o terreno que pisavam.

A chuva tilintava, dia e noite, no tecto das barracas, como agoirenta litânia, e corria ruidosamente pelos canais, provocando-nos a mirífica sensação que eramos arrastados para mar.

Após as chuvas, o Campo ficava transformado num tremedal em que o calçado se enterrava como se pisássemos marmelada. O Sol irrompia, causticante, dir-se-ia tropical, e pronto o cenário voltava à primitiva forma.

De todas as forças que nos guardavam, os soldados eram os mais permeáveis às trocas de palavras. Quando lhes dizíamos ser iminente o perigo que Hitler representava para a França, sorriam da nossa ingenuidade e ripostavam, confiados: "Non, mon vieux, nous avons la Ligne Maginot; ça c'est formidable!" A Linha Maginot transformara-se num mito intransponível, segundo os franceses, contra as apetências territoriais germânicas. Civis, militares, gendarmes, toda a gente - embora só de nome conhecessem a Linha Maginot, que devia o seu nome a André Maginot, várias vezes ministro da Guerra - a citava como a última palavra em matéria de defesa da França. Infelizmente, a sequência do desenrolar da guerra desmentiria a eficiência da tão falada linha de fortificações que, graças ao ardil posto em prática pelos alemães, foi contornada no irresistível avanço posto em prática.

"Nous avons la Ligne Maginot; ça c'est formidable!" repetido até à saciedade pelos franceses, passou a fazer parte do ideário dos refugiados espanhóis, que mencionavam a frase, em sentido humorístico, sempre que tratavam de impugnar a valia de qualquer objecto.

Entretanto, na conferência de Munique, Hitler arrancava à França, à Inglaterra e à Itália a imposição à Checoslováquia de ceder o território dos Sudetas à Alemanha - foi o princípio do fim, como é do conhecimento geral.

Aquando da assinatura do Pacto Germano-Soviético, em Agosto de 1939, o Campo de Gurs foi sacudido por autêntica onda de assombro, pelo imprevisto de tão transcendental acontecimento e suas

possíveis consequências políticas.

Enclausurados naquele estranho mundo rodeado de arame farpado, vivíamos com crescente emoção o desbobinar dos sucessos, que se processavam com rapidez estonteante. Setembro, com a declaração de guerra dos Aliados à Alemanha, foi o momento álgido daquele rosário de emoções. No dia 2 daquele mês, França



Gurs (Baixos Pirinéus), 10 de Junho de 1939.

convocava todos os seus reservistas. Como consequência directa daquela drástica determinação, foi imediatamente montado um barracão oficina no Campo e avisados os refugiados que tivessem pertencido à aviação espanhola para serem submetidos a exame profissional. Curioso. Dada a falta de artífices qualificados e a premente necessidade que havia de aumentar a produção aeronáutica, os franceses socorriam-se dos homens que, pouco antes, tinham vituperado de "ça c'est du bétail".

Como por artes de berliques e berloques, concediam-nos o favor de não mais nos considerarem "du bétail", mas sim operários qualificados imprescindíveis para a Defesa Nacional Francesa. A metamorfose era por demais evidente para que a não sentíssemos até na própria alma - que surpresas nos reservam as incidências que matizam a própria Vida!

Na sequência daquela imprevista reviravolta, por ordem alfabética foram diariamente convocados a prévio exame os candidatos a um lugar ao Sol...

Quando para o efeito fomos convocados, um gendarme custodiou-nos - dentro do próprio Campo! - até à oficina, a fim de no limite de quatro horas executarmos o exame profissional. Terminado o exame, antes do limite de tempo concedido para o mesmo, outro gendarme reconduziu-nos à "nossa barraca", a nº 22, um número que ainda hoje relembramos, com contida emoção, depois de passado mais de meio século! - pois de todos os refugiados que nela viveram, apenas restamos nós!

Poucas vezes teremos sido mimoseado em função de aniversários; naquele 9 de Setembro, porém, fomos distinguido com um presente de alto valor: a liberdade! Estávamos num extremo do Campo, olhando melancolicamente a estrada que discorria, longa, paralela aos nossos domínios, quando veio a nós, açodado, um emissário do posto policial: "Apresente-se, imediatamente, no posto com a sua mala, se a tiver". Voamos em direcção à barraca onde, num credo, entroixamos os míseros haveres, para nos apresentarmos quanto antes, não fosse o Diabo tecê-las... Ao evocarmos estas vivências, tão distantes!, estamos "a ver" alguns companheiros da barraca, entre eles o Vasco de Castro, o José Rodrigues Reboredo, o Jaime Rebelo, o Francisco Xavier, a ajudarem-nos a juntar os insignificantes haveres que salváramos do gigantesco incêndio que assolara a castiça Espanha, durante cerca de três anos. Sirva este singelo recordatório como homenagem póstuma àqueles dedicados companheiros de infortúnio, da inesquecível barraca nº 22, que na sua maioria não mais voltamos a ver.

A nossa admiração foi enorme ao vermos o luxuoso autocarro, à saída do Campo, onde embarcamos depois da distribuição de alguns francos, pão e enchidos pelos que havíamos superado o exame profissional. Íamos destinados à Sociedade Nacional de Construções Aeronáuticas do Meio-Dia, em Toulouse. Verdadeiramente, a todos nos pareceu um sonho aquela viagem, sem os consabidos gendarmes de acompanhamento com os seus nevróticos, arreliares gritos: "Allez!, Allez!, Vite!, Vite!", que, até de noite, nos soavam nos ouvidos! A metamorfose, porém, era simples: num momento deixávamos de ser irracionais para nos convertermos em operários qualificados que iam colaborar no aumento da produção armamentista da França, produção infelizmente em escala muito inferior à do adversário: a Alemanha nazi.

Em Toulouse fomos alvo de insólita e inesperada discriminação: alojaram-nos em Ramonville, vilório nos arredores da cidade, em barracões com "bailiques" para três pessoas; não havia ali bancos, nem cadeiras, nem mesas, nem armários ou cabides! O que havia sim era a não permissão de podermos viver em Toulouse. O refeitório, coberto com lonas, tinha sido improvisado a dois passos do dormitório. A comida, confeccionada por refugiados bascos, era abundante e bem condimentada, talvez porque a pagávamos.

Manhã cedo, camiónes de carga da empresa vinham buscar-nos, e no final do

Cont.p. 4



# Campos de Concentração Franceses

## (Continuação)

trabalho diário reconduziam-nos a Ramonville.

As oficinas Dewoitine - nome do proprietário da empresa - eram enormes e nelas se fabricavam os aviões de caça D-520 e D-521. Nota relevante: o salário dos refugiados era bastante inferior ao dos operários franceses, embora a nossa actuação profissional fosse absolutamente idêntica à deles. A que se devia tão flagrante injustiça? "Porque eramos refugiados", como em determinado dia me explicou o apontador Maimary, um francês com coração de ouro.

De vez em quando novos autocarros transportavam mais examinados dos Campos de Concentração, que as exigências da guerra assim o impunham. Em dado momento o quantitativo de refugiados trabalhando na Dewoitine era superior ao dos operários franceses ali existente.

Os turnos de trabalho sucediam-se dia e noite, sem interrupção e, por último, até aos domingos, pela manhã, trabalhávamos, além das horas suplementares que se faziam semanalmente. Entretanto a guerra - "cette drôle de guerre", como diziam: os franceses - processava-se apenas a insignificantes golpes de mão e reconhecimentos de patrulhas. E como "nous avons la Ligne Maginot, ça c'est formidable", toda a gente confiava religiosamente na eficiência daquela fortaleza, considerada invencível em futuras operações bélicas.

Se não fosse pelas risíveis trincheiras abertas incompreensivelmente perto das oficinas, e em função da máscara antigás que nos fora distribuída com a obrigatoriedade de a levarmos a tiracolo, sempre que nos desiocassemos para qualquer parte, dir-se-ia não estarmos em guerra. A propaganda difundida pelos jornais e pela rádio - totalmente isenta de veracidade - contribuiu, em parte, para o estabelecimento da premissa que os alemães seriam irremissível e rapidamente derrotados, quando a guerra entrasse na sua fase decisiva. O próprio Churchill dissera, optimista, como argumento supremo ao citarem-lhe o armamento e a argúcia dos generais alemães: "Ah! nous avons là notre Gamelin". O general francês Gamelin, comandante supremo das forças anglo-francesas, gozava da fama de ser excelente estrategista - fama que os posteriores acontecimentos bélicos totalmente desmentiriam. De Gaulle não partilhava o conceito em que era tido o seu superior hierárquico, a avaliar pela crítica que nos legou nas suas memórias, ao descrever a visita que efectuara, em plena guerra, ao quartel general de Gamelin, instalado no castelo de Vincennes; ouçamo-lo: "Na sua torre de marfim, de Vincennes, o general Gamelin pareceu-me um sábio intentando verificar as reacções químicas da sua estratégia num laboratório."

Depois duma das suas viagens a França, o historiador militar inglês capitão Lindell Hart prognosticou, com invulgar clareza: "...posto à prova, numa guerra futura, o exército francês desagregará-se por completo, se for obrigado a efectuar um avanço ou retirada prolongada." Sobram comentários em referência à profecia de Lindell Hart, que se ajustou matematicamente à realidade, logo que os alemães iniciaram os seus clamorosos avanços.

O coronel francês Adolphe Goutard emitiu, também, severo juízo quanto às possibilidades dos exércitos franceses: "... em 1940, insuficientemente armados, seguindo a tática já superada de 1918, mal distribuídos estrategicamente e comandados por chefes que não tinham confiança na vitória, foram derrotados desde o início da luta". Se acrescentarmos a estes insuspeitos depoimentos as afirmações de Lord Haig, que fora comandante-chefe dos exércitos ingleses na guerra



Gurs, Agosto de 1939. Da esquerda para a direita: De pé - Jaime Rebelo, J.R. Reboredo e Manuel Firmo. Sentados - Francisco Xavier, José Nunes e Vasco de Castro.

de 1914-18, parece-nos que o labirinto onde os Aliados se perderam, na segunda guerra mundial, é bem elucidativo. Sentenciou aquele militar: "Alguns entusiastas falam agora da possibilidade que o cavalo desapareça do cenário militar, e predizem que, em futuras guerras, será substituído por aviões, carros de combate e veículos motorizados. Pessoalmente, creio que no futuro o valor do cavalo e as possibilidades de o utilizarmos serão, provavelmente, maiores do que nunca. Sou por completo partidário do uso de aviões e de carros de combate, mas só como elementos acessórios do homem e do cavalo, e estou seguro de que, com o decorrer do tempo, se descobrirão - para o cavalo bem alimentado - possibilidades até agora desconhecidas".

Quem sabe?, talvez motivados pela insólita teoria de Lord Haig quanto ao "cavalo bem alimentado", a Polónia dispunha de onze brigadas de cavalaria contra a Alemanha, quando os alemães invadiram o país! O resultado daquela invasão, como se sabe, não poderia ter sido mais desfavorável para os polacos, que não puderam resistir mais de quatro semanas - não estariam os seus cavalos "bem alimentados"?

Posto em equação o somatório das insuspeitas opiniões dos chefes militares, citados anteriormente, acrescido da arcaica risível teoria do "cavalo bem alimentado", com o avassalador poderio das divisões blindadas alemãs e da sua moderna aviação, o resultado da contenda não poderia ser outro: a super "débâcle" dos exércitos aliados.

Como consequência directa de tão esmagadora derrota, as fábricas de material de guerra foram encerradas por imposição dos alemães. As autoridades francesas, logo após o pedido de armistício solicitado por Pétain, tomaram uma determinação que a todos nós pareceu excelente: convocaram-nos, com carácter urgente, para a estação ferroviária de Matibau. Dizia-se que iríamos com destino a Port-Vendres, donde seríamos trasla-

mais se soube. Era pois inegável que se tratava de nos livrarem de cairmos nas garras dos hitlerianos, o que provocou calorosos elogios de todos os refugiados, perante tão humano propósito dos franceses.

Confiados, saltamos para os vagões de carga que nos haviam destinado, com o objecto dístico: "Cavalos 8, Homens 40", sem nos determos, minimamente que fosse, com subtilezas de ordem espiritual. O que importava era fugir, fugir lestamente dos alemães e não nos determos ante os dizeres daquela promiscua tabuleta - momentos há na vida em que de nada vale determo-nos com subtilidades.

A alentadora miragem de interpormos a África entre nós e os hitlerianos, que havíamos combatido em Espanha, e que uma vez mais nos perseguiam, induziu-nos a acreditar piamente nos humanos fins daquela viagem.

Depois de enervante noite, deitados sobre as frias chapas de ferro dos vagões a servirem-nos de colchão, pela manhã o comboio parou numa estação repleta de gendarmes - sempre eles! -, que soltaram os estentórios gritos tão nossos conhecidos: "Allez! Allez! Descendez! Descendez! Vite! Vite!" Não havia dúvida alguma: tínhamos sido ludibriados miseravelmente. A alentadora miragem da África, acima mencionada, sofrera o efeito de poderosa alquimia: transformara-se no Campo de Concentração de Argelès-sur-Mer, onde fomos encerrados uma vez mais, como trastes imprestáveis. Voltávamos, portanto, à denigrante condição de "bétail", infame zombaria com que nos haviam anteriormente distinguido!

Manuel Firmo

(Conclui no próximo número)

dados à África francesa - quem teria sido o autor de tão maravilhosa notícia, ja-

## CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO ONTEM E HOJE

*A triste odisseia contada por Manuel Firmo acrescenta, ao horror das desumanas condições infligidas aos refugiados da Guerra Civil Espanhola, o facto dessas condições haverem sido criadas por um governo "democrático", em que se achavam representados elementos integrantes da Frente popular de 1936. Numa França onde se achavam fortemente implantados os partidos socialista e comunista e onde existia uma poderosa estrutura sindical. O silêncio, a apatia e falta de solidariedade revelada por essas organizações - que habitualmente se reclamam dos valores de solidariedade e fraternidade humanas e, em especial, proletárias - não é menos lamentável e deprimente que o comportamento governamental.*

*Pensam e dizem alguns que se trata dum artigo "histórico", dum passado a que se atribui neste jornal excessiva importância e espaço em detrimento dos problemas do presente.*

*Pensamos exactamente o contrário: que o artigo tem, infelizmente, uma actualidade plena. O que se passa todos os dias na ex-Jugoslávia (sobretudo na Bósnia), na Ruanda-Burundi e campos de refugiados do Zaire, nas cidades mártires de Angola ou em Timor, para citar apenas alguns dos casos que mais frequentemente surgem nos meios de co-*

*municação social, são disso a prova mais evidente.*

*Nem é preciso ir tão longe procurar o horror e a falta de solidariedade. Basta ver as condições em que vivem entre nós tantos imigrantes das ex-colónias e o tratamento que recebem (tal como alguns cidadãos brasileiros) nos postos policiais de fronteira e outros, para desconfiar numerosas imitações dos campos de Argelès-sur-Mer e de Gurs disseminadas por Lisboa e outras cidades e bairros sub-urbanos da nossa terra. Aí se encontram as mesmas barracas, a mesma ausência de condições sanitárias mínimas, a mesma miséria e promiscuidade, a mesma exploração desenfreada e a mesma discriminação. E aí se pode igualmente observar a nula ou quase nula simpatia e apoio que logram as organizações políticas ditas de esquerda bem como dos sindicatos deste país.*

*A situação descrita por Manuel Firmo não mudou; antes continua a fazer parte integrante do nosso quotidiano. É uma história que poderia ser igualmente contada por um qualquer trabalhador cabo-verdiano, refugiado timorense ou imigrante romeno. É lamentável que assim suceda e também que suceda um pouco por culpa de cada um de nós.*

Luis Garcia e Silva



Os pontos nos ii

# Diversidade dos Grupos e Movimentos "Ecológicos"

*Sob a designação genérica de ecologistas ou, menos frequentemente, de ambientalistas, engloba-se realmente grande diversidade de correntes preocupadas com a natureza e o ambiente. Embora as linhas divisórias entre estas diferentes correntes de opinião não sejam perfeitamente nítidas, com zonas de transição entre elas, há vantagem em clarificar conceitos e, simultaneamente, tornar mais precisa a nossa linguagem. Daí termo-nos socorrido da obra Ecologia Política, de Dimitrios Roussopoulos, publicada em 1993 pela editora Black Rose Books, de Montréal. O texto que segue é uma tradução/adaptação (algo condensada) de parte do referido livro.*

### Conservacionismo (Preservacionismo)

Corrente que engloba indivíduos e grupos que amam a natureza e a vida selvagem, como caçadores e campistas. Preocupa-se com a criação de reservas e parques naturais para impedir o desaparecimento de espécies em risco. A ala conservadora deste movimento procura persuadir as grandes empresas a alterar os seus métodos de produção, com vista a reduzir os efeitos nocivos sobre o meio ambiente, e considera que a propriedade privada da terra, água e ar defenderia estas da poluição e destruição: a preservação decorreria naturalmente das leis capitalistas de mercado, que automaticamente limitariam os excessos e lograriam um equilíbrio entre os interesses industriais e os de defesa do ambiente. A ala avançada, que nos EUA se situa na esquerda do partido democrático, defende uma intervenção estatal limitada, regulamentadora dos problemas do ambiente. Não existe uma fronteira precisa entre esta ala esquerda do conservacionismo e a corrente ambientalista.

### Ambientalismo

Caracteriza-se pela abordagem concreta de problemas individualizados, conforme vão surgindo ou segundo a sua urgência. Esta concentração de esforços em áreas circunscritas tende a desviar a atenção dos problemas de fundo e da necessidade de proceder a alterações significativas nas instituições que detêm o poder na sociedade. Os seus seguidores são adeptos da democracia liberal e incluem grupos como o Conselho para a Defesa dos Recursos Naturais, Green Peace, Amigos da Terra, Clube Sierra, etc. Estes grupos acreditam em soluções técnicas para os problemas ambientais e solicitam legislação estatal protectora. Contrariamente aos conservacionistas, não só não se opõem como até, por vezes, encorajam acções populares de massa para pressionar as autoridades e assim alcançarem os seus objectivos. Preocupam-se com uma gama mais vasta de problemas ambientais que os conservacionistas.

Organizam-se essencialmente a nível nacional e tendem a ser altamente profissionalizados, empregando pessoal treinado e bem pago, estruturado hierarquicamente; utilizam a expedição maciça de correspondência para milhares de pessoas como método de sensibilização, assim como outros métodos legais refinados de tipo empresarial e governamental em vez de se assumirem como organizações democráticas de base. Aceitam contribuições financeiras sem prestar muita atenção à

proveniência dos donativos. Embora muitas das suas posições implicitamente contestem o domínio das grandes empresas, evitam qualquer crítica abertamente radical do sistema político e económico, em parte para não alienarem os políticos e as elites empresariais.

### Populismo ambientalista

Há centenas de milhares de grupos ambientalistas locais espalhados pelo território da América do Norte, influenciando pequenas acções locais em defesa do ambiente empreendidas por organizações comunitárias e associações locais diversas (de escuteiros a grupos paroquiais). As acções são organizadas contra a incineração e/ou acumulação de lixo municipais, efeitos das chuvas ácidas, centrais nucleares, barragens hidro-eléctricas, uso de pes-

vezes limitada pela dependência que as cidades em que vivem têm das empresas contra as quais lutam (empregos, impostos). Falta a estes grupos activistas uma análise global da crise ecológica e conseqüente necessidade duma alternativa radical ao Estado e à política das grandes empresas. As suas motivações são muitas vezes meramente locais. São activistas que em geral apoiam estilos de vida alternativos como o naturismo, consumo de produtos agrobiológicos, e que se mobilizam para acções como o Dia da Terra. Estão instintivamente certos mas raramente elaboram alternativas políticas sérias.

### Ecologia profunda

A despeito da literatura abundante é difícil definir esta corrente, que procurou ir além do conservacionismo e do ambien-

as sociedades pré-industriais viviam em harmonia com a natureza e que a civilização europeia destruiu este equilíbrio. Para Michael Tobias<sup>1</sup> a ecologia profunda diz respeito a opiniões, valores, convicções estéticas e filosóficas que não visam, necessariamente, qualquer fim utilitário ou racional. Por definição a sua única justificação reside na bondade, equilíbrio, verdade e beleza do mundo natural e na necessidade biológica e psicológica do ser humano de nele se integrar completamente. Há alguma sobreposição entre ecologistas profundos e entusiastas da Idade Nova, mais interessados na alteração do estilo de vida, na auto-realização e espiritualidade, do que em mudanças sociais e políticas. Há também uma versão guerrilheira da ecologia profunda, designada por A Terra primeiro! Os militantes desta organização crêem que a maior parte da terra dos EUA deve voltar ao antigo estado natural e, conseqüentemente, empenham-se em actos de sabotagem de zonas e equipamentos de construção, colocação de pregos de aços nas árvores para impedir o seu corte (por vezes com risco de vida para os lenhadores) com vista a dissuadir as companhias madeireiras. Alguns militantes de A Terra primeiro! têm assumido posições com implicações racistas, como a de considerarem a fome uma medida "natural" contra a superpopulação que não deve ser mitigada pela assistência humanitária.

### Bio-regionalismo

Esta corrente encara o ambiente como um conjunto de bio-regiões com identidade ecológica própria e divisões políticas co-



ticidas, etc. Com excepção de alguns sindicatos, que organizam acções contra acidentes ocupacionais nos locais de trabalho, estes activistas têm escassos recursos e poucos funcionários pagos; a sua base é geralmente comunitária e federam-se por vezes com grupos similares.

Embora estes grupos não tenham uma ideologia definida, exprimem sentimentos anti-capitalistas por se confrontarem frequentemente com companhias que obtêm lucros a expensas da saúde e necessidades humanas. A sua militância é muitas

vezes limitada pela dependência que as cidades em que vivem têm das empresas contra as quais lutam (empregos, impostos). Falta a estes grupos activistas uma análise global da crise ecológica e conseqüente necessidade duma alternativa radical ao Estado e à política das grandes empresas. As suas motivações são muitas vezes meramente locais. São activistas que em geral apoiam estilos de vida alternativos como o naturismo, consumo de produtos agrobiológicos, e que se mobilizam para acções como o Dia da Terra. Estão instintivamente certos mas raramente elaboram alternativas políticas sérias.

mo as fronteiras nacionais são consideradas arbitrarias e artificiais, a sociedade deveria ser descentralizada e as demarcações políticas e económicas deveriam corresponder a fronteiras bio-regionais.

O bio-regionalismo significa viver dentro dos limites e recursos dum local, criando um modo de vida transmissível às gerações futuras.<sup>2</sup> Aprendendo a crescer dentro da nossa região ecológica seremos capazes de evoluir para um mundo melhor. Kirkpatrick Sale identifica bio-regiões que

Cont. pag. 8



# Televisão e

***O corrente debate sobre a violência na televisão e a possibilidade da sua repercussão no comportamento dos espectadores, designadamente nas crianças, teria sobretudo interesse se colocasse a questão mais geral da possibilidade de participação dos cidadãos nos media. Ou seja, se fosse profundamente debatida a democratização dos meios de comunicação, o seu papel e a sua utilidade.***

***É extremamente improvável que tal venha a ocorrer e o mais irónico é que os que se opõem à participação dos cidadãos, fazem-no em nome da liberdade, independência e democraticidade televisivas.***

Os meios de comunicação tiveram, alegadamente, como base um princípio extremamente meritório: tornar acessível à maioria das pessoas informações que de outro modo lhe estariam totalmente vedadas ou seriam de difícil acesso. Contudo, esta capacidade, ou poder, de viabilizar o direito à informação tem associado um outro poder, que é tudo menos meritório: o de controlar a informação divulgada. Este risco de manipulação informativa é tanto maior quanto os detentores deste poder não estão de modo algum sujeitos ao controlo dos interessados, do público em geral. Argumenta-se normalmente contra isto que:

a) existe um auto-controlo que é em grande medida garantido pelo código deontológico dos jornalistas e pelas leis respeitantes à comunicação social, em geral.

b) a existência de diversos órgãos de comunicação social, dá ao público uma possibilidade de escolha que funciona como controlo da informação. Ou seja, os indivíduos podem sempre optar pelo órgão de comunicação social que consideram fornecer-lhes a melhor informação. A livre concorrência seria assim uma garantia da pluralidade e independência informativas.

Quanto ao ponto a) deve-se dizer que, por um lado, o código deontológico dos jornalistas é como a generalidade dos códigos profissionais uma declaração geral de princípios que deixa bastante margem de manobra relativa a decisões particulares. Por outro, considerar esse código como um mecanismo eficaz para prevenir a manipulação informativa, seria considerar os jornalistas como únicos, ou principais, responsáveis por essa manipulação.

O argumento de que a existência de múltiplos órgãos de comunicação social é por si só uma garantia de liberdade e pluralidade de informação é falacioso. Por um lado, quantidade não é nem nunca foi necessariamente sinónimo de qualidade nem de verdade. Por outro é necessário analisar de que diversidade se está a falar. É necessário recordar que a maioria dos órgãos de comunicação social são propriedade de grandes grupos económicos e financeiros.

Convém analisar a tendência geral para a liberalização neste sector. O Estado, embora defendendo o princípio da livre concorrência, criou uma legislação que limitou essa possibilidade a grandes grupos económicos. Um exemplo disso é o que se passou, há uns anos, com a legalização das rádios. Anteriormente, existia um grande número de rádios locais - muitas funcionando num sistema de amadorismo - que sendo, na sua maioria, independentes de grandes interesses económicos, garantiam uma considerável pluralidade e democraticidade informativa. Toda a legislação apontou, em parte por pressão de algumas das grandes rádios legalizadas, para a inviabilização, ou minimização, desta independência.

Por seu turno, no campo televisivo, a li-

beralização limitou-se à entrega a grupos económicos de dois canais. Note-se que mesmo esta "abertura" - e a consequente perda do monopólio dos meios de comunicação audio-visuais por parte do Estado - foi uma cedência difícil, que, em grande parte, ocorreu porque se antevia que a manutenção do monopólio estatal contribuiria, a curto ou médio prazo, para desencadear um fenómeno semelhante ao das rádios livres. Para o evitar, optou-se por entregar dois canais a grupos "seguros".

A crescente tendência para o monopólio é confirmada pelo facto de existirem já grupos económicos que detêm, simultaneamente, canais de televisão, estações de rádio e órgãos de imprensa. Os diversos órgãos de comunicação social devem ser hoje encarados como o que realmente são: empresas concorrentes na venda de um mesmo produto, funcionando numa lógica semelhante à de quaisquer outras empresas no mercado

ge o princípio do direito à informação é exactamente aquele que mais o desvirtua.

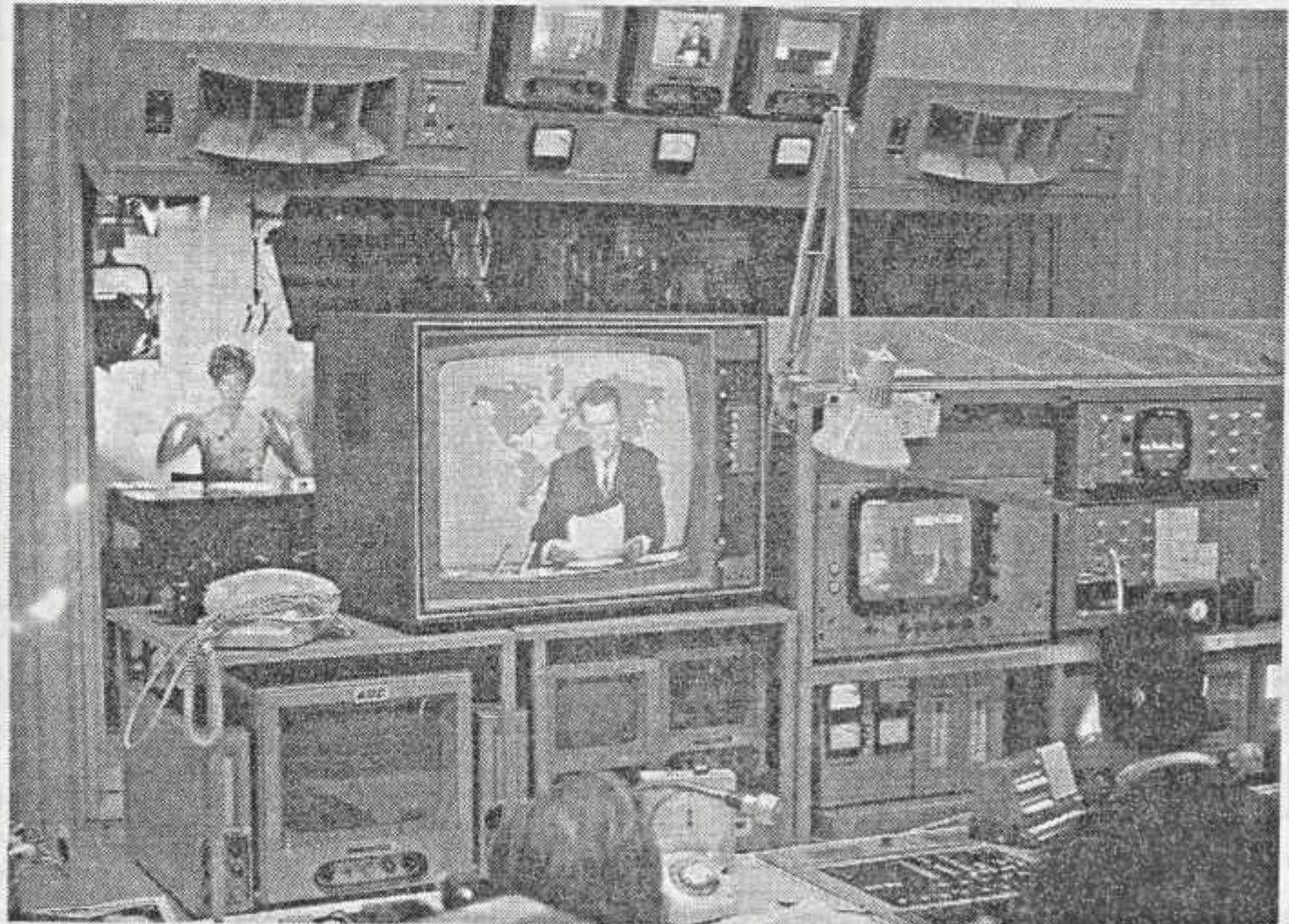
De facto, se a imprensa manteve uma forte ligação ao princípio da informação, independentemente desta poder ser limitada ou distorcida, a televisão remeteu esta para um lugar relativamente secundário - a informação não ocupa hoje mais de 8-16% do tempo diário de emissão televisiva.<sup>1</sup> Parece bastante evidente que, por exemplo, num noticiário com a duração de meia-hora é impossível tratar qualquer assunto com um mínimo de profundidade. Ou seja, a informação televisiva para além de limitada é superficial.

Tudo isto não impediu, contudo, que tivesse sido o meio de comunicação que ganhou de longe a preferência da maioria das pessoas. Este facto, levou a que os seus defensores passassem a considerá-la praticamente intocável e acima de qualquer crítica. Emílio Rangel, director de informação e programas da SIC, a

Estas afirmações são pouco explícitas, nomeadamente no que respeita à identificação da televisão com progresso, inovação e civilização. Não basta afirmar que a televisão constitui um progresso, é necessário explicar porquê. Caso contrário, corre-se o risco de se identificar indiscriminadamente progresso com qualquer novidade tecnológica. Um argumento que é sem dúvida perigoso porque tanto serve para justificar a televisão, a máquina de lavar louça, o último modelo de avião de combate ou a bomba atómica. O progresso e avanço civilizacional que determinada tecnologia constitui deve medir-se pelas suas consequências e pela sua real utilidade, não pelo simples facto de existir. É necessário perguntar: Para que serve? Qual é a sua utilidade? Tem alguma razão de existir? Se estas perguntas forem feitas relativamente à maioria dos electrodomésticos que temos em casa, a resposta é bastante óbvia. O mesmo não parece ocorrer relativamente à televisão. Uma vez que a função informativa da televisão se encontra muito diminuída a sua utilidade não parece muito evidente.

Naturalmente, a utilidade de que falo é a que se refere aos espectadores não a utilidade para os que dirigem o negócio; do mesmo modo que a utilidade de uma máquina de lavar louça deve ser medida pelas vantagens que dela tiram os seus utilizadores e não pelos lucros dos donos da empresa que a produz. Ora, é exactamente a vantagem dos espectadores de televisão que não é muito clara.

Contribui a televisão para a melhoria do nível intelectual, cultural e educativo e artístico dos espectadores? Para um apro-



**Televisão: acima de qualquer crítica**

A televisão deve ser considerada como um órgão de comunicação social muito particular e merece uma análise separada.

Em primeiro lugar, porque, por um variado número de motivos, tem um impacto e um alcance que, por exemplo, a imprensa não tem nem nunca teve. Em segundo lugar, e é esta a principal razão, porque sendo o meio de comunicação que tem possibilidade de levar mais lon-

propósito da recente polémica sobre a violência na televisão, denunciou a existência de "fundamentalistas retrógrados que aparecem sempre em todas as sociedades e em todas as ocasiões para combater o progresso e a inovação, são os eternos "velhos do Restelo" e os seus mecanismos de difamação da civilização. É assim desde tempos imemoriais. Sócrates também foi acusado pelos seus compatriotas de desviar a juventude com os seus postulados filosóficos" (*Público*, 2.12.94).

fundamento da democracia através do alargamento do debate e da pluralidade de ideias e opiniões? Não só a resposta para todas estas questões é negativa, como a televisão contribui geralmente para agravar uma educação e cultura deficientes.

É normalmente alegado, pelos defensores da actual televisão, que ela não tem que cumprir funções que competem à escola, à família e a outro tipo de instituições. A televisão não é certamente responsável por todos os males da socie-



# Democracia

dade; a educação e cultura deficientes, bem como a falta de consciência ética e política dos indivíduos é um problema de base. Aquilo pelo que é responsável é por perpetuar sistemática e deliberadamente este estado de coisas. Os responsáveis televisivos têm perfeita consciência que a melhoria geral do nível intelectual da população contribuiria para alterações pouco agradáveis nos espectadores de televisão; interesse por assuntos extremamente "inconvenientes" e desejo de os debater profundamente; exigências cada vez maiores de participação nas decisões de programação e de orientação televisivas, etc. No fundo, conduziria a um desejo de democratização dos meios de comunicação.

## O mito da democracia televisiva

É suposto a televisão ser uma instituição independente dos governos e que tem em conta a opinião dos seus espectadores. É também isto que Emídio Rangel parece afirmar quando discorda da intervenção governamental nos conteúdos televisivos: "[...] os governos não se devem envolver na "regularização" dos conteúdos comunicacionais. Qualquer "intervenção eficaz" nesse domínio significa a instauração de regimes censórios. A sociedade civil, a mesma que serve para escolher os deputados e os governos, tem capacidade e mecanismos para sancionar ou não a programação das televisões. Os seus gestos são de uma cruza terrível e os seus juízos inapeláveis. Ai daqueles que desprezam a existência desse Grande Júri."<sup>2</sup>

Parece, pois, que também se privilegia aqui a participação da sociedade civil, mas talvez seja melhor lermos o que é afirmado mais adiante na entrevista, para clarificar que tipo de participação é essa e quais os seus mecanismos.

"Se uma pessoa vale como eleitor de quatro em quatro anos, porque é que a sua escolha não é igualmente legítima e reconhecida no minuto a minuto da televisão? Não acham que é insultar a inteligência de milhões de pessoas a imposição de um gosto privado? Não acham que é um direito intocável dos cidadãos, em geral, ver o Perdoa-me, se lhes apetece esse entretenimento, ou rejeitarem a leitura de Foucault se não compreendem as suas teses?"<sup>3</sup>

Embora tudo isto seja extremamente confuso parece já ser possível perceber quais são os tais mecanismos de controlo que tem a sociedade civil.

Porém, é conveniente fazer aqui um parêntesis para referir que a pergunta certa não é se as pessoas preferem ou não ver determinado programa, mas porque razão preferem ver esse programa. É que a questão do gosto, ou da preferência, só pode ser colocada quando se trata de uma escolha consciente, informada e com igualdade de oportunidades entre múltiplas opções. Tudo isto nos remetia para a já anteriormente discutida, questão da qualidade dos programas e da educação e cultura dos espectadores.

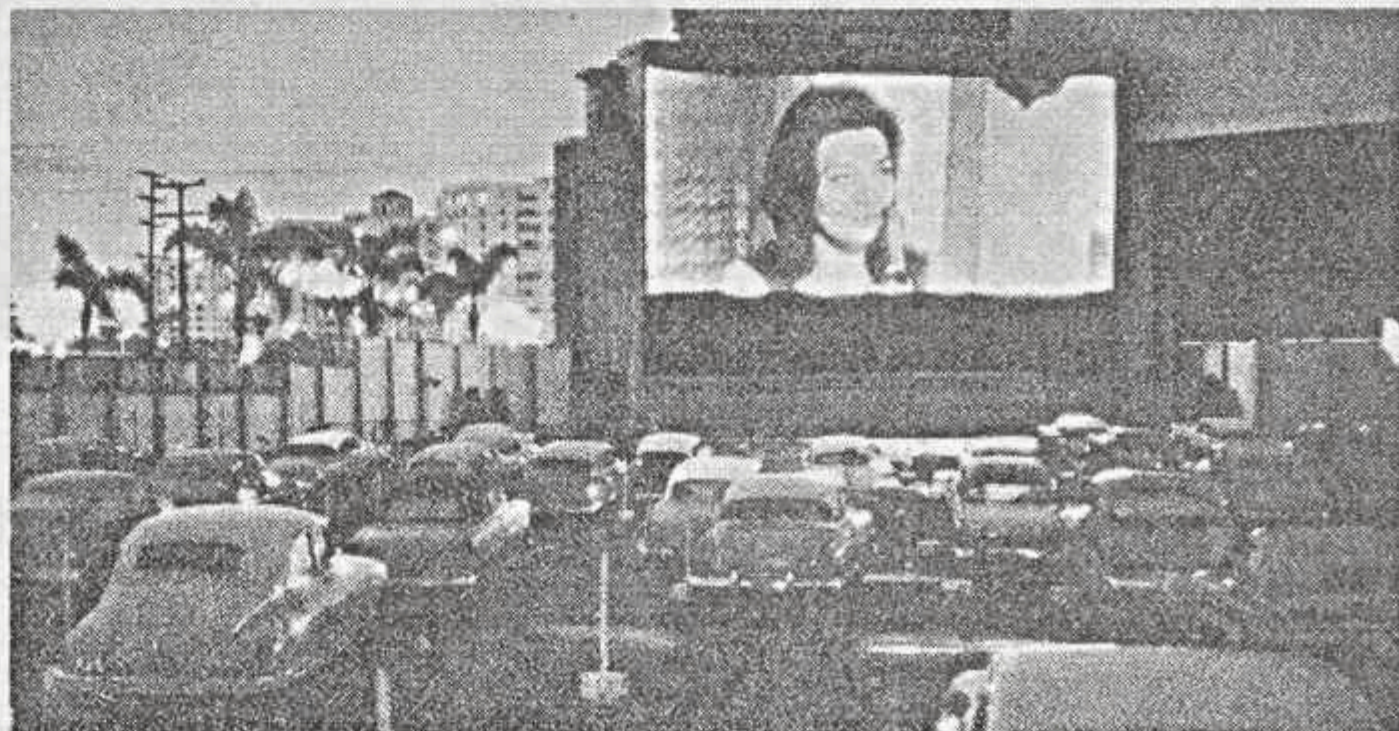
Encerrado o parêntesis, voltemos aos mecanismos de participação dos telespectadores. Quanto a este aspecto, há nas declarações de Emídio Rangel uma confusão deliberada entre as sondagens de opinião e a intervenção dos cidadãos, com o intuito de dar uma imagem democrática da televisão. A este respeito, é necessário dizer que os indivíduos não têm hoje maior intervenção na televisão do que têm no mercado em geral. Ou seja, em ambos os casos são apenas consumidores. As sondagens relativas à preferência por determinados programas não são uma prova de democracia, mas antes uma prospecção do mercado que

visa essencialmente determinar a cotação dos diversos espaços publicitários. O facto de uma empresa produzir um determinado modelo de sapatos que se sabe ter mais venda, pode ser apresentado como um exemplo de boa gestão comercial, mas nunca como um exemplo de democracia. Não parece haver razões para que se adopte para a televisão um critério diferente.

A televisão tem um discurso unilateral que convida o espectador à passividade. Isto acontece mesmo nos programas de debate político, económico ou social, que convidam o espectador a "participar". Estes programas devem ser analisados sob três aspectos fundamentais: quem são os convidados, qual é o âmbito do debate e qual a natureza da participação dos espectadores. Os convidados são geral-

bastará limar umas arestas para ser perfeito. Aliás, quando são feitas críticas ao sistema político, económico ou social português, elas não visam o sistema em si, mas o seu atraso e deficiências quando comparado com modelos capitalistas mais avançados como o americano, o alemão ou o inglês.

Além de "bizarrias", como alternativas à economia de mercado ou a participação dos cidadãos nos meios de comunicação, há assuntos muito mais banais que são tabú, como é por exemplo o caso da publicidade comercial. Um conjunto de debates sérios, no que é considerado o horário nobre, sobre a publicidade, os seus mecanismos de funcionamento e os efeitos que é suposto ter sobre os potenciais consumidores - de preferência através de uma exemplificação com



mente de áreas políticas muito pouco diversificadas, na maior parte dos casos membros ou figuras próximas dos dois partidos maioritários - o que é aliás um modo velado de promover o bipartidarismo - ou, na melhor das hipóteses, o debate é alargado aos outros partidos representados na Assembleia da República. Isto é normalmente justificado pelo facto de representarem a maioria do povo português. O voto já é por si próprio um direito tão reduzido e que dá origem a poderes tão amplos, que parece extremamente abusivo ser ainda utilizado pelos que dele beneficiam para se arrogarem o direito de falarem sobre qualquer assunto como se estivessem a expressar a opinião dos seus eleitores.

Estes programas, à partida limitados, servem para criar no espectador a ilusão de que o assunto se esgota no âmbito do debate e que só existem duas ou três alternativas possíveis. Um exemplo claro do que acabo de afirmar, foram os debates que tiveram lugar quando da queda dos regimes de Leste. Tratava-se sem dúvida de um tema de grande importância e interesse que teria merecido melhor tratamento. Em todos os programas que trataram o tema houve um pressuposto subjacente que nunca foi discutido: o do modelo de economia de mercado como única alternativa possível ao modelo "socialista". Diga-se também, e nós somos totalmente insuspeitos nesse aspecto, que faltou honestidade intelectual às conexões que se pretenderam estabelecer entre a queda destes regimes e a rejeição da obra de Marx como um todo. De um modo geral, o tema foi apresentado com um triunfo e uma consolidação do modelo ocidental, pretendendo criar nos espectadores a ilusão de que vivemos no melhor dos mundos possíveis, a que

anúncios que passam diariamente nos televisores - teria consequências desastrosas para qualquer canal de televisão. Ou melhor, não teria porque um programa desse género nunca seria aceite.

É neste contexto de debates à partida viciados que o espectador é incentivado a participar, geralmente através do seu voto telefónico em uma de duas opções, que só muito vagamente correspondem às suas opiniões. Estas votações telefónicas não servem absolutamente para nada, como aliás os próprios convidados do debate fazem questão de sublinhar ao afirmarem - sobretudo quando estas lhes são desfavoráveis - que para lhes ser atribuído significado seria necessário um estudo do universo dos espectadores, etc; etc.

Outra hipótese é a de meia dúzia de telespectadores poder expressar publicamente, por telefone, as suas opiniões em alguns segundos - maior parte dos quais gastos a cumprimentar os presentes e a agradecer a oportunidade de participar. É óbvio que a esmagadora maioria das pessoas não têm oportunidade de falar e aquelas a quem é dada essa possibilidade não têm tempo para dizer seja o que for, mas cria-se a ilusão de que os espectadores são ouvidos (é só a questão de ter a sorte de telefonar primeiro!).

## Alternativas ao actual sistema

A questão das alternativas ao actual sistema de comunicações é complexa. Embora seja argumentável que a televisão é um órgão tão poderoso que não pode ser democratizada e que se deve pura e simplesmente advogar a sua extinção, essa parece a solução menos interessante. Principalmente porque seria

desistir de todas as potencialidades que a tecnologia televisiva pode oferecer.

Restam pois duas alternativas que não se excluem mutuamente: exigir uma maior participação nos actuais canais televisivos e nos outros meios de comunicação; criar canais e meios de comunicação alternativos.

A primeira solução, apenas praticável nos canais estatais passaria largamente por uma exigência do alargamento do tempo de antena das organizações de cidadãos com as mais diversas orientações e finalidades. Isto deve ser tentado apesar dos entraves e limitações que certamente serão colocadas e tendo sempre em conta o risco que comporta este tipo de participação: p.e. integração no sistema e reforço da aparência de democraticidade do canal em questão.

A melhor solução, embora a mais difícil, é a de criar meios de comunicação alternativos. Um projecto deste género - que poderia funcionar por exemplo em sistema cooperativo - deveria englobar o maior número possível de associações de índoles diversificadas: sindicais, políticas, culturais, regionais, etc. Deveria ser dedicado cuidado especial a evitar a monopolização por parte das organizações de maiores dimensões ou controlo do projecto por parte de grupos económicos, reproduzindo assim o modelo vigente.

Mas o primeiro passo é o de alertar para os aspectos de manipulação, limitação e controlo da comunicação televisiva. Noam Chomsky afirma: "É minha convicção pessoal que os cidadãos das sociedades democráticas deveriam iniciar um processo de auto-defesa intelectual para se protegerem da manipulação e do controlo, e para lançarem as bases para uma democracia mais significativa".<sup>4</sup>

Sérgio Duarte

## Notas:

1. Refira-se que o período de emissão diária de telenovelas oscila entre os 21 e os 32% do tempo total de emissão.
2. *Público*, 2.12.94. Convém dizer que a actualização do Governo no respeitante ao problema da violência na televisão, tem toda a aparência de ser apenas uma manobra política visando melhorar a sua imagem nacional e internacional, uma vez que tem à sua disposição os meios legais para impedir a transmissão de tais programas. A lei de televisão (nº 58/90) proíbe que sejam transmitidos "[...] programas susceptíveis de influir negativamente na formação da personalidade das crianças ou adolescentes [...]" e estão previstas multas para punir qualquer infracção.
3. *Público*, 2.12.94.
4. Noam Chomsky, *Necessary Illusions - Thought Control in Democratic Societies*, Londres, Pluto Press, 1989, p.viii.



# Isto de ser Anarquista

O que me preocupa é a forma como a sociedade humana se organizou, mais a tendência que a mesma tem de evoluir para formas de injustiça cada vez mais crônicas e brutais.

O que me revolta é que esse painel de injustiças favoreça sempre a emergência dum casta parda que, através de manhas e manipulações torpes, se alimenta da agonia dos demais.

O que me intriga é o porquê desses demais, não apenas engolirem um esquema claramente distorcido mas, serem eles também, indispensáveis colaboradores da progressão do mesmo.

Apesar disso, o que me anima ao aprofundar esta montagem do absurdo é o ter cada vez mais a convicção de que, através da prática dum exercício de auto-dignificação - atitude para uma saudável razão de viver e facilmente alcançável - se possa chegar a estágios de desenvolvimento comportamental que relancem a humanidade numa nova era de relações.

A esta preocupação e desejo de mudança uma vez chegados e activadas que sejam as linhas que lhe dão força, pode considerar-se que já nos aventuramos pelos terrenos daquilo a que chamamos um ideal. E porque até mesmo nos projectos de maior monta não tenhamos dúvidas nem pretendamos outra coisa, os humanos ca-

racterizar-se-ão pela diferença. Uns poderão chamar-lhe cristianismo sem igreja, outros poderão encontrar-lhe raízes em qualquer outra perspectiva filosófica. Eu, porém, porque considero que para se alcançar o patamar para esse relançamento é preciso mexer lá muito para o fundo, no ponto de onde partem as hierarquias e todas as aventuras de cerceamento e manipulação psíquica, se requer uma ousadia libertária, prefiro chamar-lhe anarquismo.

E sendo de anarquismo que me interessa falar será bom ir adiantando que cada um é o que é e não aquilo com que procura revestir-se ou diz ser: a mentira, a intriga, a incapacidade do vislumbre ou o macaquear daquilo que, em outras épocas, outros fizeram bem; serão sempre coisas da velha ordem que o anarquismo, no seu contínuo processo de recriação, inequivocamente repelirá.

Estou cada vez mais convicto que, qualquer um que pegue no gosto pela liberdade e faça disso causa de aprofundamento constante, no sentido mais libertador do termo, chegará em dada altura a posições anárquicas: caminhará, colherá, analisará, transmitirá e continuará. E assim não será apenas diferente como indivíduo e comportamento, mas também um semeador da mesma diferença. É com este proceder que, avançando por caminhos não

antes percorridos, regressa trazendo utopias com que se enraivecem os guardiões do templo. Sendo esta chama que me parece definir o homem anarquista. Mais absurdo se torna quando, dizendo-se deles, se erguem alguns que o pretendem ser como mais ninguém. Do anarquismo conhecem todas as curvas e recantos e vão ao ponto de se irritarem quando alguém não o é segundo eles. Ou seja, assumem-se como uma espécie de autorizadores. Ninguém pode ter o atrevimento de pegar num lápis e, fazendo um círculo em torno dum conjunto de conceitos ou de dados históricos, vir depois não menos atrevidamente dizer: eis o anarquismo!

Numa sociedade onde cada vez mais se erguem muros e barreiras, onde cada vez mais os horizontes se encolhem perante as investidas da uniformização das coisas e dos indivíduos, seria bom atender que, no anarquismo, muito mais importante do que aquilo que ele propõe ser é aquilo que ele permite ser, ou seja, um lugar onde se pensa.

As pessoas deixaram-se encaminhar para uma sobrevalorização daquilo que é tido como objectivo ou real, ao mesmo tempo que se votava ao desprezo e ao ridículo tudo o que pertence ao universo do sonho, do imaginário, da utopia. Assim surgiram os pragmáticos: eis os rostos de to-

dos os Césares, as fogueiras da inquisição, as ideologias castanhas ou vermelhas, os fundamentalismos religiosos e económicos. Todos eles crentes que traziam consigo os moldes com a exacta medida, onde enfiariam esse grande rio feito de inquietação e mistério que, alimentado por tempestades e remoinhos, tudo emerge e tudo afoga, numa combustão sem tempo nem controlo até - assim o espero - à serenidade de um dia.

Também me parece que a universalidade em anarquismo não possa ser, tão só, uma coisa de toda a parte mas, ainda e também, o acto de pensar tornado inadiável em qualquer parte e circunstância, mesmo perante as sapiências e ainda que escritas nas pedras dos séculos.

Não ser nada, mas de olhos atentos a cada momento para que, a cada momento, se possa ser tudo. Talvez a forma de interpretar Rudolf Rocker quando dizia: *o anarquismo é um caminho e não um fim*.

Leva-se como bagagem o gosto da liberdade libertadora, mais a crença na possibilidade do homem fraterno. Depois, a partir deste tema base, faremos variações e enriquecimentos, numa recriação até ao infinito como se fossemos músicos de jazz.

João Santiago

## Diversidade dos Movimentos 'Ecológicos' (conclusão)

tomam por base, simultaneamente, ecossistemas e comunidades humanas. Vê estes ecossistemas como grandes divisões naturais, uma vez que partilham uma ecologia comum, como vegetação nativa e "contornos territoriais, que podem abranger milhares de quilómetros quadrados. Seguidamente vêm as geo-regiões, que podem ser bacias fluviais, cordilheiras ou planaltos. É a nível local, do que Sale chama *vita-região*, que se definem as necessidades humanas. A *vita-região* deve prover às necessidades dos seus habitantes, segundo "o princípio mais elementar e elegante" do mundo natural que se chama "auto-suficiência". "Os habitantes (devem) conhecer a terra honesta e completamente, pois a tarefa crucial e mais importante é compreender o lugar imediato e específico em que vivemos... Devemos viver tão perto dele quanto possível, estando em contacto com o seu solo particular, as suas águas, os seus ventos..."<sup>3</sup> Não há razões óbvias para que uma área particular deva satisfazer todas as necessidades básicas. Há grandes áreas na Terra onde o clima e a geografia não permitem a auto-subsistência.

O bio-regionalismo confunde democracia e autonomia locais com uma descentralização baseada na independência ecológica e na auto-suficiência. A aplicação destes dois princípios pode assumir formas diferentes em regiões diferentes, consoante o seu tamanho. O bio-regionalismo parte da ideia que a consciência do ecossistema local facilita a compreensão do contexto ecológico global. Repete-se aqui a noção, comum à ciência mecanicista, de que o todo é a soma das partes. Esta afirmação é errónea, tal como a defendida pela Ecologia Profunda de que, todas as coisas estando interligadas, as nossas mentes estão também interligadas de modo similar. A ideia espiritual de que "ser é conhecer" é questionada pelos que crêem que a base ecológica da vida humana necessita ser compreendida mediante um processo consciente de aprendizagem. O conhecimento da especificidade da região em que se vive necessita ser integrada num programa local, regional e global para que seja possível uma acção política consciente. Necessitamos compreender a realidade ecológica da Terra num contexto social. Ora parece que o bio-regionalismo tende para perspectivas culturais do tipo *Idade Nova*, rejeitando o activismo social e político como meio privilegiado de

operar as mudanças almeçadas. O que há de refrescante no bio-regionalismo é a sua ideia de que a fronteira "natural" da organização social humana não tem de ser o Estado-nação, ou as fronteiras políticas traçadas dentro dos Estados (departamentos, cidades ou distritos). Ao fazer do contexto ecológico em que vivemos o primeiro lugar de decisão política conduz-nos a um futuro internacionalismo "natural".

### Eco-feminismo

O eco-feminismo tem as suas origens nas mobilizações antimilitaristas de mulheres e foi definido como segue no manifesto da Esquerda Verde: *A libertação das mulheres é essencial para a criação dum sociedade livre, pacífica e ecológica. Embora o capitalismo tenha conduzido a desumanização das pessoas e a destruição da natureza a novas alturas, as raízes da nossa crise social e ecológica são mais velhas que o capitalismo. Reportam-se a milhares de anos atrás, à emergência da sociedade patriarcal e, com ela, do militarismo inicial das castas guerreiras neolíticas, viragem histórica que lançou as bases dum cultura orientada para os homens e estruturada em termos de hierarquia, dominação e conquista que desde então envenenou o nosso desenvolvimento social. O eco-feminismo afirma a experiência histórica e de vida das mulheres como seres criadores, com forte sentido de ligação à natureza, sublinhado pelo feminismo cultural, recusando no entanto aceitar o determinismo biológico que reduz a explicação da dominação masculina à genética. O eco-feminismo aceita ainda a análise histórica e crítica da dominação masculina e da exploração, posta em relevo pelo feminismo socialista, e recusa um antinaturalismo que procura construir o reino da liberdade humana negando a nossa ligação à natureza e que encara a natureza não-humana como existindo apenas para fins instrumentais humanos. O eco-feminismo procura extrair o melhor do feminismo cultural e socialista incorporando-o numa visão holística, não dualista, da sociedade e da natureza (incluindo a natureza humana) que é a traçada pela ecologia social.*<sup>4</sup>

Desde a publicação desta concepção de eco-feminismo por ecologistas sociais, emergiram diversas escolas eco-feministas. Carolyn Marchant identifica, por exemplo, eco-feminismo liberal, eco-feminismo



cultural, eco-feminismo social e eco-feminismo socialista como variantes da formulação inicial.<sup>5</sup>

Na sua importante crítica do eco-feminismo, *Encontrando o nosso caminho: repensando a política eco-feminista*, Janet Biehl<sup>6</sup>, uma das pioneiras da Esquerda Verde nos EUA, afasta-se desta concepção de feminismo. Este teria sido influenciado pelo irracional a ponto de admitir a adoração de deusas e a bruxaria. Cristais e pentagramas, cantos e tambores, rituais e meditações, usados para suscitar a consciência de grupo, são considerados, por Janet Biehl e outros ecologistas políticos, ineficazes para lidar com a crise ecológica. Quando a "espiritualidade" se torna um princípio político e organizativo, escreve Janet Biehl, e é apresentada como meio de melhorar a vida, deve ser examinada como qualquer outro programa político. *Uma análise crítica da espiritualidade da adoração de deusas... deve dirigir-se não só ao conteúdo do mito específico que está a ser gerado, mas também à função do mito numa sociedade industrial e capitalista avançada.* Janet Biehl crê que símbolos culturais não devem ser confundidos com realidades sociais. Símbolos não são o mesmo que instituições. Uma autoridade religiosa dominante, mesmo se deusa, não é mais desejável que uma sociedade secular. Muitos eco-feministas: *tornam biológicas e essencializam as características reprodutivas e assistenciais (das mulheres)... e rejeitam avanços científicos e culturais só por serem advogados por homens.* Este eco-feminismo parece implicar que tudo quanto os homens fazem

ao ambiente é mau enquanto que o que as mulheres fazem é bom. A relação privilegiada das mulheres com a natureza e a política que daí decorre exclui os homens da elaboração dum ética de preocupação com a Terra. O eco-feminismo evita também uma análise do capitalismo e das razões pelas quais domina a natureza. Não enfrenta o problema da pobreza ou do racismo, experimentado por milhões de mulheres. Do que resulta uma fraca perspectiva de mudança social e política.

### Bibliografia

- 1 - Dobson, Andrew, *Green Political Thought*, Londres, Unwin Hyman, 1990, p.13.
- 2 - Tobias, Michael (ed.), *Deep Ecology*, 1985.
- 3 - Plant, Judith, *Searching for Common Ground: Ecofeminism and Bioregionalism*, in Irene Diamond and Gloria Feman Orenstein (ed.) *Reweaving the World*, (San Francisco: Sierra Book Club, 1991, p.158.
- 4 - Sale, Kirkpatrick, *Bioregionalism*, in Andrew Dobson (ed.), *The Green Reader* (London: André Deutsch, 1991), p.79.
- 5 - *Towards a New Politics: Principles and Programme of the Vermont and New Hampshire Greens*. (Montréal: OUR GENERATION, vol. 20, nº 1, 1988), p. 22-54.
- 6 - Marchant, Carolyn, *Radical Ecology*, (N. York: Routledge, 1992).
- 7 - Biehl, Janet, *Finding Our Way - Rethinking Eco-Feminist Politics*, (Montréal / N. York: Black Rose Books, 1991).
- 8 - Marchant, Carolyn, *Radical Ecology*, (N. York: Routledge, 1992), p. 195.

### Nota

Em próximo número será abordada a ecologia política, rubrica que inclui os Verdes nas suas manifestações ecomarxistas, eco-socialistas e ecologistas sociais.



# As chagas de 1994

A herança sociopolítica que 1995 recebe está manchada de sangue, de pus e de pústulas. De facto, em muitos pontos do globo os conflitos continuaram a aparecer e a desenvolver-se como cogumelos. A cena mundial continua pejada de interesses contraditórios. O peso da história vai-se fazendo sentir e por dá-cá-aque-la-palha surge mais um mercado de armamento. A geopolítica, como dizem uns, a geoeconomia, como querem outros, a geoinformação, como proclamam aqueles outros, continuam a dar a sua contribuição para o alargamento desse mercado. Vejamos alguns casos que são de bradar aos céus.

do membro. A União Europeia, parecendo ignorar o que foram historicamente os Balcãs, deixa-se conduzir pela Alemanha e reconhece assim, de olhos fechados, o desmembramento jugoslavo. Todos aqueles ódios recalçados, filhos de lutas antigas (cristãos ortodoxos, católicos, bogomilos, muçulmanos, turcos, austríacos, húngaros, gregos, búlgaros, sérvios, croatas), vieram ao de cima. É na Bósnia que o ódio mais tem feito sentir os seus efeitos. "Pela força das coisas, a Bósnia-Herzegovina escolheu a independência e foi escolhida pela guerra", escreveu Bernard Feron em *Yugoslavie - origine d'un conflit* (Le Monde Éditions, 1993). A carnifici-

Amos Oz toca o ponto essencial do problema. E como ele disse: "Sempre que um poeta ou um romancista toca os elementos com o poder elementar das palavras, nós, os leitores, experimentamos o toque incrível de um poderoso excitação unido a uma paz imensa - como fogo gelado (icy fire). Que é de algum modo cura. E que é, creio, um triunfo parcial sobre os espíritos malignos."

A ferida começa a sarar?

## Timor - o som e a fúria

Geograficamente está quase do outro lado da Terra, mas afectivamente faz parte do nosso quotidiano. "Timor fragilíssimo e distante/Timor/Dever que não foi cumprido e que por isso dói", como escreveu a poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen, no seu último livro *Musa* (ed. Caminho, 1994).

A Indonésia pretende esmagar. Mas o exército indonésio pode ser vencido, apesar de tudo. Outros mais fortes o foram. O do Japão também por lá passou.

No livro *Indonésia e Timor Leste* a Amnistia Internacional expõe bem as fraquezas do poder ditatorial indonésio. A denúncia de todos os atropelos aos direitos humanos aliada à denúncia daqueles que só querem o petróleo timorense (Austrália) ou um mercado de armas (Inglaterra e Alemanha) pode ajudar a criar as

condições para que os timorenses respirem de forma independente.

A chaga continua aberta e a sangrar em 1995.

## Nota dissonante

A Excelentíssima Senhora Dona Embaixadora dos Estados Unidos da América em Lisboa, depois de uma almoçarada, defecou meia dúzia de postas de pescada sobre Timor: "O governo do meu país apoia a integração de Timor na Indonésia."

Claro que não estávamos à espera que a Senhora Dona falasse sobre as reservas de índios na América ou sobre as razões que levam o seu governo a fazer hoje o que fez ontem a Nicola Sacco e a Bartolomeo Vanzetti (olá! ainda não os esquecemos). Nem esperávamos que tecesse comentários sobre os versos do grande poeta americano Allen Ginsberg: "America when will we end the human war?/Go fuck yourself with your atom bomb."

Oh! madama. Aquilo que a madama disse sobre Timor foi uma grandíssima merda. Mas talvez seja preferível assim a não dizer coisas nenhuma. Talvez que isso seja uma contribuição para uma futura demonstração de que democratas americanos e ditadores indonésios podem viver de casa e pucarinha.

Júlio Palma



Combate (Guerreiros microfísicos), Salvador Dalí, 1955.

## A Argélia a ferro e fogo

Aqui bem perto de nós, do outro lado do Mediterrâneo, a sociedade argelina está em carne viva. Verificado o fracasso da Frente de Libertação Nacional, veiculou-se a hipótese de saída da crise por via eleitoral. Os argelinos acreditaram. A Frente Islâmica de Salvação preparava-se para a vitória nas urnas. As forças instaladas não o permitiram e utilizaram aquilo que tinha sido a espinha dorsal do regime - o exército. A França e os Estados Unidos apoiaram a manifestação de força antidemocrática. Resultado: milhares de mortos. Ao regime de terror instaurado pelo exército responderam os grupos islâmicos com acções terroristas selectivas. Homens, mulheres e crianças, argelinos e não argelinos, islamitas e não islamitas, vão caindo uns atrás dos outros. Todos aqueles que apoiam o golpe militar são também moralmente responsáveis pelas mortes daquela guerra suja. (O livrinho *L'Algérie*, de Patrick Eveno, Le Monde Éditions, 1994, fornece uma boa síntese sobre o que lá se tem passado.)

## Bósnia - a força das coisas

Do lado de cá do Mediterrâneo, em plena Europa, mesmo ao lado da Itália e da Grécia, reacendeu-se um conflito cujas causas são longínquas. O que é interessante ver é que a Jugoslávia tinha assento nas Nações Unidas e fazia parte do Movimento dos Não Alinhados. As mesmas Nações Unidas reconhecem como estados independentes (logo com fronteiras definidas) aquilo que ontem consideravam partes integrantes de um esta-

na promete continuar, como que querendo tornar o Danúbio vermelho.

## Israel - a opção pela vida

Durante muito tempo quase ninguém acreditou que fosse possível o diálogo entre israelitas e palestinianos. E todavia...

Claro que ainda vai haver muito sangue inocente derramado, claro que ainda vai haver muito pranto e muito ranger de dentes. Mas vale a pena ouvir as vozes dos que tentam afastar tudo isso. Uma delas é a de Amos Oz, no conjunto de ensaios *Israel, Palestine and Peace*, editora Vintage, 1994.

Quem é Amos Oz? Ele mesmo o diz: "Eu sou um judeu, um israelita, um sionista, que pertence à esquerda moderada em Israel." O activista do movimento Paz agora, afirma: "Eu não preciso de ir a nenhum lado para ter um encontro com os meus colegas palestinianos com objectivo de gostar deles - eu gosto deles, e contudo eles são meus inimigos, e é precisamente porque eles são meus inimigos que eu acredito que preciso de fazer a paz com eles." Pode haver aqui uma inclinação para o trágico. Mas mesmo aqui Amos Oz é claro: "As tragédias podem ser resolvidas de duas maneiras: à maneira shakespeariana e à maneira chekhoviana. No final de uma tragédia shakespeariana a cena está cheia de cadáveres e talvez haja alguma justiça pairando em cima. Uma tragédia chekhoviana termina com toda a gente desiludida, amargurada, desapontada, absolutamente dilacerada, mas ainda viva. E eu quero uma resolução chekhoviana e não uma shakespeariana para a tragédia israelo-palestina. (...) Não devemos esquecer que Shakespeare se pode ainda pôr em marcha e é por isso que devemos redobrar o nosso esforço por Chekhov."

## Postal da América\*

## A América "paraíso dos religiosos

Minneapolis, quarta feira, 15 de Setembro de 1993

O Middle-West, coração da América profunda, pode representar para aquele que o atravessa um imenso espaço cheio de nada. A Oeste a imensa massa de água do Mississippi rola tranquila, e sem dificuldade pode imaginar-se o seu poder devastador. Subindo-o em direcção ao Norte, espantamo-nos por encontrar à beira das estradas acampamentos de caravanas onde vivem os Brancos mais pobres da região. A algumas centenas de milhas de Minneapolis, capital do Estado do Minnesota, encontra-se a pequena cidade de Winona. A população é principalmente de origem polaca, e existem quase tantas igrejas como lojas de pronto-a-comer. As sete horas da tarde as ruas estão desertas e é inútil procurar um local onde se possa tomar um café. Resta-nos a leitura do *Winona Daily News*, onde as notícias reflectem bem a época actual. Enquanto a polícia local procura os responsáveis por um crime de fogo posto que destruiu o liceu da cidade, agentes do FBI, em perseguição dum perigoso foragido da justiça cercaram a modesta caravana que o Sr. Cook ocupa num dos acampamentos dos arredores. Confundindo os agentes com malfeitores ofereceu alguma resistência, e acabou por ser preso! Embora se tratasse de uma confusão de identidades, permaneceu na prisão porque os representantes do Estado não apreciaram a sua atitude pouco colaborante. Assim! A algumas centenas de quilómetros da caravana do Sr. Cook, nos confortáveis salões do Chicago Hilton, Arlo Guthrie, o cantor querido dos anos 60, companheiro de caminho de Dylan, recebia a imprensa para anunciar uma boa notícia. Cristo tinha-o visitado e com toda a simplicidade tinha-se sentado na sua varanda. Neste país, com excepção do *Winona Daily News* mais ninguém se interessa por este género de lucubrações. A América sempre foi um "paraíso" para os espíritos religiosos. Hoje a crise social reforça os comportamentos irracionais. Um exemplo disto é a acção militante dos grupúsculos cristãos integristas opositores do aborto. Excedidos pelo seu isolamento e principalmente pela capacidade de mobilização daqueles e daquelas que entendem defender o direito das mulheres a dispor dos seus corpos, estes grupúsculos de fanáticos lançam-se na via da acção terrorista. Desde 1977, 452 clínicas foram atacadas, 36 foram alvo de ataques à bomba e 76 incendiadas... Centenas de médicos e enfermeiras foram agredidos fisicamente e nos últimos tempos vários médicos foram assassinados. Alguns trabalham com coletes à prova de bala e só se deslocam sob protecção de militantes pró-aborto. Nos Estados conservadores do sul e do centro já não se encontram médicos que osem efectuar uma interrupção de gravidez... A doce e sorridente Mme Shannon, que ainda recentemente disparou sobre um médico, afirmou deante dos juízes que: "Isto é o oposto dum assassinato pois eliminei um assassino!" A lógica destes loucos de Deus fundamenta-se sobre a ideia de que uma interrupção de gravidez é um assassinato e uma clínica um campo de morte. Mme Shannon comenta que "as clínicas são comparáveis a Auschwitz". Não hesita em colocar no mesmo plano a sua acção e a daqueles que lutaram contra os regimes fascistas ou participaram num movimento pelos direitos civis! Ainda uma interpretação revisionista da história que não deve desagradar ao novo amigo do cantor Guthrie...

Charles Reeve

(\* Traduzido de *Le Monde Libertaire*, nº 930)



# Os Fundamentos do Nacional-Socialismo(IV)



Fragmentos de *Guernica*, Pablo Picasso, 1937.



*"Depois de Auschwitz, não é possível a poesia"*  
Theodor Adorno

O drama de Alfred Rosenberg foi ter acreditado no nacional-socialismo. Considerar-se o exegeta duma nova mensagem terrestre fez dele, entre os dirigentes do NSDAP, um isolado, "o filósofo" dum movimento cuja filosofia residia em definitivo no exercício do poder. Rosenberg nunca tomou consciência disso, embora haja sido esquecido à medida que o poder relegava para o esquecimento a fachada ideológica. Preciso de bastante tempo para compreender que a *Weltanschauung* pela qual se havia batido já não tinha valor prático, pelo menos nos centros de decisão. Apesar disso continuou até ao fim a considerar o paraíso da sua fé como a resposta política, social, filosófica e religiosa aos problemas do seu tempo. É difícil analisar as relações entre o nacional-socialismo no seu todo com a sua ideologia. O nacional-socialismo não tendia unicamente ao êxito e à dominação, inspirava-se em considerações táticas que colocavam esta vontade de dominação como absoluto, utilizando fragmentos ideológicos segundo as necessidades, como o exprime a fórmula de "revolução do nihilismo".

Mais, não saberíamos ver nele um fenómeno dependente da história das ideias e independente das contingências da técnica do poder. Ele era um e outro: prática do poder e doutrina, e mesmo quando Hitler procurou o poder como satisfação pessoal, apareceu por fim como prisioneiro dos seus preconceitos. Do mesmo modo que o nacional-socialismo, tomado como totalidade, não se apropriava de nenhum elemento ideológico sem examinar em que medida lhe permitia aumentar eventualmente o seu poder.

Os dirigentes nacional-socialistas, na medida em que controlavam o jogo complexo da ideologia e da tática do poder, evitaram sempre formular tomadas de posição concretas. À maneira de Goebbels, sublinhavam ser impossível definir o nacional-socialismo na sua totalidade, por "estar submetido a metamorfoses e flutuações permanentes". Claro que o nacional-socialismo continha certas concepções de base a que estava indissolúvelmente ligado, mas à excepção da ideia de combate e da sentença do Fuherer, nada havia que não estivesse pronto a abandonar, pelo menos temporariamente, se a conquista do poder o exigisse. Este oportunismo tático correspondia, em larga medida, à maneira arbitrária pela qual o movimento, na sua ascensão, incorporou elementos ideológicos diversos; a sua infidelidade às ideias era apenas a expressão exacta da sua tática: apropriava-se das ideias com um propósito determinado. O movimento retomou certas concepções racistas, antisemitas, biológicas e pan-germanistas, ao mesmo tempo que recebia certo número de elementos tradicionais, de natureza agrária, militar, pseudo-religiosa. Hitler declararia: um dia "colhemos as nossas ideias em todas as moitas encontradas no caminho e agora não sabemos donde vieram."

Logo que tentamos definir as relações entre o nacional-socialismo e a sua ideologia encontramos outros obstáculos: o carácter heterogéneo desta *Weltanschauung*, o valor inegável de cada um dos elementos e o seu papel maior ou menor na técnica do poder. Assim como a falta de unidade e coerência interna dos dirigentes do regime nos leva a delimitar o poder de cada um, assim podemos determinar a sua posição em relação a tais postulados ideológicos. A indiferença de Goering em matéria ideológica, por exemplo, distingue-se radicalmente da fidelidade de Rosenberg à *Weltanschauung*, e os vínculos sentimentais de Himmler para com a ideologia contrastavam com as ideias do seu subordinado Heydrich. Somos tentados a con-

cluir que existiam tantos nacional-socialismos como dirigentes.

Assim, a ideia de poder e os seus objectivos tomavam progressivamente o primeiro lugar e aqueles que não demonstravam vontade de vencer ou que recusavam colocar-se ao serviço dos objectivos preconizados por Hitler, viam-se rapidamente reduzidos ao isolamento. O regime nacional-socialista aceitava este desprezo clínico pela ideologia que ia a par da vontade de poder, mas não tolerava uma adesão à ideologia acompanhada de desprezo pelo poder. Hitler definiu muito bem estas relações, declarando que o nacional-socialismo era "um movimento popular, de nenhum modo um movimento cultural".

Não poderíamos deixar de falar no itinerário intelectual de Rosenberg e de fazer algumas referências à sua célebre obra *O Mito do Século XX*. Nascido no Báltico, filho de pais alemães oriundos da pequena burguesia, vai em 1918 para Munique onde frequenta os meios emigrados russos e entra em contacto com a Sociedade Thule, associação secreta racista e ocultista que, apoiando-se em tradições tenebrosas e "revelações" mesquinhas relativas aos judeus, aos francomacçons e aos bolchevistas, se esforçava por propagar um culto fanático da "raça ariana e germânica".

A sociedade devia tornar-se provisoriamente o centro das operações contra-revolucionárias na Baviera. Estes encontros deixaram traços na personalidade de Rosenberg. Algum tempo depois de se encontrar com Dietrich Eckart (o poeta místico da Thule) aderiu ao NSDAP. Os seus ressentimentos de emigrado inspiraram-lhe a teoria do espaço vital, que deveria tornar-se a concepção fundamental da política estrangeira de Hitler. A Sociedade Thule dava a orientação e o estilo às suas tentativas filosóficas. Verificamo-lo pelos títulos das suas primeiras obras: *Vestígios do Judeu na Evolução dos Tempos*, *O Amoralismo no Talmud* (as duas publicadas em 1920), *O Crime da Franco-Maçonaria* (1921), *O Pântano ou a Peste na Rússia* (1922).

Foi um dos principais divulgadores do célebre documento - falso aliás - intitulado *Os Protocolos dos Sábios do Sião* e a *Política Juda Mundial* (1923), que reeditou em 1940. Nos seus escritos, Rosenberg revela-se um homem de cultura média, conhecedor de imensas teorias apócrifas, assim como toda a literatura de propaganda engendrada por um nacionalismo visionário e patológico. A sua produção crescente, de ano para ano, valeu-lhe ser considerado o "ideólogo em chefe" do NSDAP. Em 1930 a obra de Rosenberg atinge o apogeu com a publicação do *Mito do Século XX* que foi considerada, com o *Mein Kampf* de Hitler, a obra mais importante do nacional-socialismo.

Este estudo tinha como objectivo reunir numa filosofia nacional-socialista os elementos discordantes a que o movimento devia o seu êxito. A obra começa pela afirmação pretensiosa que "nos nossos dias a história universal deve ser reescrita", inspirando-se nas teorias de Houston St. Chamberlain, de Gobineau, assim como no pensamento de Nietzsche (aliás interpretado erroneamente). Rosenberg interpreta a história como uma sucessão de lutas raciais: "uma nova imagem da história da Terra e da Humanidade, de cores vivas e fecunda, começa a revelar-se-nos", declara o preâmbulo, "se reconhecermos que o conflito entre o sangue e o mundo ambiente, entre o sangue e o sangue, constitui o último fenómeno que nos é acessível e para além do qual não nos é permitido inquirir nem procurar. Mas isto conduz-nos imediatamente a reconhecer que o combate do sangue e a mística pressentida na vida não são coisas diferentes, mas um só e único fenómeno revestindo formas diversas... Do mesmo modo a história das raças é si-

multaneamente a da natureza e a da mística; inversamente, a história da religião, do sangue, é a grande narração universal do progresso e do declínio dos povos, dos seus heróis e pensadores, inventores e artistas."

A obra inteira, na sua inspiração e fervor, funda-se numa argumentação deste género, impermeável à refutação lógica e objectiva. A teoria de que só o homem nórdico é capaz de engendrar civilizações e criar formas políticas não se apoiava na prova da existência de sangue nórdico nos povos que produziram tais obras mas no método oposto, difícil de discutir: via em todos os povos que manifestaram um génio criador de civilização, como os gregos da Antiguidade, a prova de que a sua tese era bem fundada.

Pessimista, pensava que o germanismo, precioso vestígio de sangue nórdico, e por consequência o mundo inteiro, estavam ameaçados de declínio e perda. Os "cruzamentos espirituais do nosso povo" apareciam-lhe como sintomas desta degenerescência, e lamentava ao mesmo tempo "o desaparecimento da razão próxima da natureza" e de um estadismo nórdico dominado pela vontade - formulações aliás algo confusas. Glorificando ou menosprezando segundo critérios cósmicos, proclamava a substituição da concepção cristã do mundo, factor de desagregação, por um mundo de novos valores que, ao expandir-se, teria necessidade dum novo espaço vital. A acção e o combate substituiriam a piedade e a humanidade, o "belo" opor-se-ia ao "bem" e o "amor" apagar-se-ia perante a concepção germânica e viril da "honra". Tudo isto e uma vez mais sob o sinal duma ideologia de sangue: "Hoje em dia desperta uma nova fé: o mito do sangue, a confiança segundo a qual podemos, com o sangue, defender também a essência divina do homem. A confiança, encarnada num conhecimento luminoso segundo o qual o sangue nórdico representa este mistério que substituiu e subjugou os antigos sacramentos."

No fundo é a sua oposição ao cristianismo e a todas as noções que lhe são aparentadas, que dá ao *Mito do Século XX* a sua fisionomia e fama. Num "catecismo" da *Weltanschauung nacional-socialista* que resumia em algumas fórmulas concisas as principais ideias da obra, Rosenberg dizia que "o cristianismo foi engrandecido porque os alemães nele acreditaram"; mas isto não atenuava de forma alguma a violência da declaração de guerra. Assim podemos ler: "Da educação profissional à educação por valores germânicos há a distância de várias gerações. Representamos a transição. Somos os que ultrapassaram uma época para fundar uma nova era, compreendida no plano religioso. Assumimos um pesado destino, e é por isso que ele é grande... Destruir imagens! Qualquer revolução se mostrou capaz disso. Mas fundar a sua causa sobre o nada sem cortar todas as pontes, eis o que faz a nobreza da era nacional-socialista... O povo alemão não está atingido pelo pecado original, possui pelo contrário uma nobreza original. A caridade cristã foi substituída pela camaradagem nacional-socialista e germânica - um processo que encontrou expressão simbólica no abandono do rosário em proveito da enxada do Serviço do Trabalho".

O misticismo do *Mito do Século XX* assim como de outras obras do autor, certamente indispuzaram os dirigentes nazis e não reforçaram a sua posição. Hitler admitiria só ter lido uma pequena parte por considerar a obra difícil de compreender. Goebbels qualificou-a de "erudição ideológica", os acusados do processo de Nuremberga declararam todos sem excepção nunca a terem lido. O livro conheceu, apesar disto, uma tiragem superior a um milhão de exemplares, mas foram raros os leitores...

Cont. pag. 11





**Libre Pensamiento - Organo de Debate y Reflexion de la Confederacion General del Trabajo (CGT)**  
n.º 17, Outono de 1994, Madrid, 70 pp.

Este número da revista *Libre Pensamiento* dedica especial atenção aos recentes aniversários de instituições económicas e financeiras como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI), ao problema do desemprego na Europa, ao rescaldo da Conferência do Cairo e ao mito do crescimento populacional.

O artigo "Fondo Monetario Internacional, Banco Mundial y GATT: 50 años bastan" de Mónica E. Yuste Barth, contém informações importantes sobre os princípios

fundadores destas organizações, os seus mecanismos de actuação e as transformações que sofreram com a perda de influência, parcial ou global, de potências económicas como os EUA e a URSS, e a ascensão de outras como o Japão e a Alemanha.

"El reparto del trabajo beneficia a la clase trabajadora", de Jesús de La Maza, propõe para solucionar o actual crescimento do desemprego, o princípio anarco-sindicalista histórico de "Trabalhar menos para trabalharem todos". A proposta adiantada consiste numa redução de 25% do tempo de trabalho e dos salários, e um consequente aumento de 25% das contratações por parte das empresas. Advoga ainda a criação de um complemento, em dinheiro ou em géneros, para os salários inferiores a 100 mil pesetas / mês, bem como um aumento da pressão fiscal sobre as grandes fortunas. Como o próprio autor afirma, trata-se de uma proposta a discutir, devendo ser dada particular atenção às suas potenciais consequências negativas. Contudo, a ideia básica é a de que a distribuição do trabalho, mesmo que não prejudique ou ponha em causa o sistema capitalista, beneficia claramente a classe trabalhadora.

Murray Bookchin, em "El mito de la población" (traduzido da obra *Que caminho para o movimento ecológico?*, AK Press, Edimburgo, 1994.) chama a atenção para os perigos do controlo populacional. Se por um lado, pode constituir um ideia generosa, embora ingénua, visando aliviar o sofrimento de populações inteiras que morrem devido à fome e às doenças, por outro pode ter apenas como objectivo impedir que essas populações sobrecarreguem os países desenvolvidos. Bookchin alerta sobretudo para o desenvol-

vimento e disseminação das ideias neomalthusianas, da ecologia mística e de um novo panteísmo, que tendem a fazer da espécie humana uma espécie exactamente igual às outras, quando não pior (visto ser ela a responsável pela destruição do planeta). É necessário não esquecer que ideias semelhantes, de adoração da natureza como uma quase divindade e de desprezo pelos seres humanos, estiveram na origem do nazismo e permitiram, por exemplo, a Heinrich Himmler dizer aos seus SS, durante o genocídio dos judeus, que os homens não valiam grande coisa, ao mesmo tempo que censurava um caçador por abater os pobres animais indefesos (consta mesmo que Hitler se sentia particularmente incomodado pelo facto das lagostas serem cozidas vivas).

Ainda a propósito deste problema de crescimento populacional, segue-se a irónica solução preconizada em 1729 por Jonathan Swift: que os pais com dificuldades financeiras vendessem os filhos para serem comidos. Esta solução encontra-se de resto acompanhada de várias sugestões sob o modo de os cozinhar, o tratamento a que devem ser sujeitos para se obter uma carne de melhor qualidade e sobre a idade ideal para o abate.

Salientam-se ainda dois artigos sobre os caboclos da Amazônia e os índios Yanomani.

Aconselha-se vivamente a leitura desta revista que tem conseguido manter uma excelente qualidade tanto ao nível do conteúdo como da apresentação gráfica.

S.D.

## Actividades no C. E. L.

No, dia 5 de Novembro, sábado, pelas 15 horas, os professores Jorge Guimarães, José Cardoso e Eduardo Roxo integraram uma mesa redonda sobre o tema **A arte de ensinar: uma abordagem humanista**. As exposições foram fraccionadas para permitir o debate faseado dos membros da mesa entre si e a assistência. Exposições e discussão foram particularmente interessantes, sendo opinião geral que se tratou de uma das melhores reuniões realizadas até ao presente. Lamenta-se não se haver efectuado gravação da sessão, o que permitiria novas audições com vista a debater em profundi-

dade alguns dos problemas nela levantados e ainda o seu aproveitamento para publicação ulterior neste jornal.

Não foi possível, por indisponibilidade dos convidados, realizar outra sessão no decurso do mês de Novembro ou primeira semana de Dezembro. Espera-se poder reiniciar as actividades culturais em Janeiro próximo, estando já previstas uma exposição de fotografia do companheiro Rui Tavares e uma mesa redonda seguida debate. Contamos igualmente, em Fevereiro próximo, com uma ou mais palestras pelo companheiro Frank Harrison, colaborador do nosso jornal. Frank

Harrison é professor de ciências políticas no Canadá, já esteve entre nós como participante no colóquio "Tecnologia e Liberdade", é autor de *O Estado Moderno: uma análise anarquista*, co-editor de *Vozes da Praça Tianamen*, e redactor da revista *Our Generation*, de Montreal.

Foi-nos legada e está a ser integrada na Biblioteca do Centro a biblioteca do companheiro Sebastião de Almeida, falecido o ano passado. Este espólio foi-nos amavelmente entregue pelo nosso comum amigo José Correia Pires, filho do grande militante do mesmo nome.

## Nacional-Socialismo IV (Continuação)

E quando Rosenberg declarava que centenas de milhares de alemães haviam sido revolucionados interiormente pela obra, visava apenas satisfazer a necessidade de revalorizar, por imaginários triunfos filosóficos, uma carreira ilusória.

Seria um erro ver no nacional-socialismo uma vontade de poder limitada a si mesma e determinada unicamente pelos desejos individuais dos seus dirigentes: encerra incontestavelmente um elemento utópico. "Deuses e animais, eis como o mundo se nos apresenta hoje em dia" declarou um dia Hitler numa das suas digressões filosóficas. Esta frase lapidar exprime o que foi realmente o nacional-socialismo, para além de toda a mascarada ideológica e tática política. É sobre ela que se fundam as visões totalitárias do Terceiro Reich, a sua concepção do homem, a sua vontade de dominação racista. E é ainda ela que contem o princípio a partir do qual se desenvolveram os múltiplos elementos ideológi-

cos. A arrogância, a rigidez, os esforços desesperados do Terceiro Reich, as suas convulsões desordenadas e grotescas, a sua brutalidade e obstinação patológica, tudo isso está contido na fórmula de Hitler: os homens não são todos iguais; dividem-se em deuses e animais. Todo o regime totalitário parte duma imagem nova do homem e é isso que o distingue das formas clássicas de despotismo. As suas exigências revolucionárias não visam somente a transformação do Estado; não se contenta em promulgar novas leis, impor uma ordem nova ou formas diferentes de vida colectiva. Deseja um homem novo. Ao invés das revoluções do passado o totalitarismo não pretende mudar as coisas mas os seres, não as estruturas mas a própria vida. É precisamente por isso que ele é "totalitário".

Nada nos mostra melhor o carácter "totalitário" do Terceiro Reich que o domínio que exerceu em todos os escalões da vida social para criar o novo tipo de ho-

mem, cuja educação devia ser, no espírito dos nazis, a tarefa do século XX. O próprio Hitler identificou este projecto com as suas aspirações ao poder. Declarou, com efeito: "A selecção da nova classe dirigente é o meu combate pelo poder. Todo aquele que a mim adere torna-se um eleito por esta profissão de fé e pela maneira como a proclama. O imenso significado do nosso longo e duro combate pelo poder é permitir a eclosão duma nova geração de senhores, chamados a tomar nas mãos não somente os destinos do povo alemão, mas do mundo inteiro."

Cabe-nos evitar que os nazismos que existem no nosso dia a dia nos dominem "oferecendo-nos", a maior parte das vezes sub-repticiamente, esta imagem do novo homem, despida de toda a substância humana que, como aprendizes de filósofos, devemos preservar.

Francisco Trindade

## À VENDA NA NOSSA LIVRARIA

**GIOVANNI BALDELLI**  
Anarquismo Social (1000\$)

**JACINTO BAPTISTA**  
Surgindo Vem ao Longe a Nova Aurora (1100\$)

**C. GEORGE BENELLO**  
From the Ground Up - Essays on Grassroots and Workplace Democracy (2900\$00)

**MURRAY BOOKCHIN**  
Sociobiologia ou Ecologia Social? (530\$)  
Ecologia Libertaria (720\$)  
The Modern Crisis (2200\$)  
Urbanization without Cities (2600\$)

**MURRAY BOOKCHIN e outros**  
El Anarquismo y los Problemas Contemporáneos (1450\$)

**ANGEL J. CAPPELLETTI**  
La Ideologia Anarquista (1350\$)  
Hechos y Figuras del Anarquismo Hispanoamericano (1100\$)

**FRANCISCO CARRASQUER**  
Nada más Realista que el Anarquismo (460\$)

**CARLOS DÍAZ**  
Releyendo el Anarquismo (1900\$)  
De la Razón Dialógica a la Razón Profética (1540\$)  
Cuando la razón se hace palabra (1800\$)  
La política como justicia y pudor (2000\$)  
Victor Garcia, "El Marco Polo de la Anarquía" (1650\$)

**JUAN GÓMEZ CASAS**  
Nacionalimperialismo y Movimiento Obrero en Europa ((1160\$)  
Relanzamiento de la C.N.T. (1975-1979) (800\$)

**ABRAHAM GUILLÉN**  
Economía Libertaria (3640\$)  
Economía Autogestionaria (3640\$)  
Socialismo Libertario (3640\$)

**PEDRO KROPOTKIN**  
La Grande Révolution (4000\$00)  
Elapoyomutuo, "factordelaevolución(2000\$)

**JOSÉ LUIS GUTIÉRREZ MOLINA**  
La Idea Revolucionaria (El Anarquismo Organizado en Andalucía y Cádiz (2550\$)

**GASTÓN LEVAL**  
El Estado en la Historia (730\$)

**ANTONIO LÓPEZ CAMPILLO**  
La Caída de la Casa Lenin (1170\$)

**JOSEFA MARTÍN LUENGO**  
Desde Nuestra Escuela "Paideia" (1900\$)

**EDUARD MASJUAN BRACONS**  
Urbanismo y Ecologia en Cataluña (1820\$)

**FRANCISCO OLAYA MORALES**  
El Oro de Negrin (3500\$)  
La Intervención Extranjera en la Guerra Civil (3200\$)

**STEPHEN SCHECTER**  
Política de Libertação Urbana (850\$00)

**HENRY THOREAU**  
A desobediência Civil (700\$)  
Defesa de John Brown (600\$)

**LEON TOLSTOI**  
La Insumisión (410\$)

**TINA TOMASI**  
Breviario del Pensamiento Educativo Libertario (1100\$)

**EMÍDIO SANTANA**  
Memórias de um Militante Anarco-Sindicalista (980\$00)  
Onde o Homem acaba e a Maldição começa (1000\$00)

**MANUEL JOAQUIM DE SOUSA**  
O Sindicalismo em Portugal (500\$00)  
Últimos Tempos de Acção Sindical Livre e do Anarquismo Militante (980\$00)

**ALEXANDRE VIEIRA**  
Delegacia a um Congresso Sindical (500\$)

**CHRISTIAN BAY e CHARLES C. WALKER**  
Desobediência Civil - teoria e prática (400\$)

**HAROLD B. WILSON**  
Democracia no Trabalho (700\$)

Estas e outras obras encontram-se à venda na sede do Centro de Estudos Libertários, R. Marquês de Ponte de Lima, 37-2.º-D - 1100 Lisboa, às terças, quintas e sábados, entre as 15 e as 18 horas.



# As novas da educação nacional

## NOTÍCIAS DA EDUCAÇÃO: A VOZ DO DONO

Deu em chegar às escolas, faz já uns meses, o *Notícias da Educação*, jornal quinzenário. Não é frequente as instituições oferecerem jornais às escolas. Lembro-me da revista da O.T.A.N., doutra do exército (ou seria da G.N.R.?) e das *Notícias da África do Sul*, ilustrada com imagens do tipo África Minha, com brancos muito limpos e negros muito sorridentes. Foi há alguns anos, no tempo em que se falava ainda da "Escola Cultural".

Julgo que muitas destas publicações não chegavam às salas de professores, talvez por pudor (ou indiferença?) dos conselhos directivos. Estes assinam, por vezes, um jornal diário, se não de cariz oficioso como o *Diário de Notícias*, pelo menos do tipo institucional como o *Público*, por exemplo, pois a escola deve ser um espaço "democrático", quer-se dizer, "neutro ma non troppo". Por isso talvez não andam por cima das mesas das escolas revistas pedagógicas nem a propaganda política. A não ser os sindicatos dos professores e as editoras livrarias não conhecemos outras entidades a oferecer livros nem revistas (com a excepção da Comissão dos Descobrimentos e da Expo '98).

### A reforma no papel: da propaganda aos factos

A chegada do *Notícias* em grandes quantidades parecia destoar se o jornal não acompanhasse uma das reformas estruturais - a do ensino. Quem vê o título singular da primeira página - *Notícias da Educação* - e o esmerado grafismo a cores pensa tratar-se de mais uma iniciativa louvável da "sociedade civil". Mas não é. No interior, no rodapé da segunda página, em letras miúdas, denuncia-se a origem: o Ministério da Educação. Esse mesmo que fica na av. 5 de Outubro. A iniciativa editorial tentará talvez "promover trocas de experiências" ou a "comunicação" entre os professores e as escolas. Há quem veja nisto qualquer coisa de orwelliano, pela forma inteligente de propaganda com que é acompanhada a reforma. Outros concluem apenas que na escola portuguesa desaguardam as causas perdidas ou muito carentes de legitimação.

Num dos numeros recentes anunciam-se os quinhentos milhões de contos já gastos na educação, o que dá bastante alento aos milhares de professores que trabalham em edifícios abarracados, sobrecapados ou degradados, sem as mínimas condições pedagógicas ou até de higiene. Os mais cépticos, esquadristas, dizem que só com papel (de jornal) não vamos lá. E onde é o "lá"? O "lá" é a reforma, o "ensino de qualidade".

O número 14 dedica-lhe um espaço de relevo logo na primeira página: "Escolas de excelência". É como falar de culinária francesa em Calcutá. E depois em letras gordas: "Promover ensino de qualidade". É o relato da escola básica Delfim Santos 1-2-3 picadora M., muito bem equipada, com dois jardins, um lago, uma pista de minigolfe, um pátio de jogos que dá para jogar à macaca e ao jogo do galo e tudo, e etc. Têm protocolos até com o Sport Lisboa e Benfica, um presidente que é arquitecto e afirma: "A escola é como uma empresa, em que o cliente imediato é o aluno e, indirectamente, a sociedade. Como tal há que os servir bem". Por aqui se vê a excelência da escola que dará no futuro grande contributo para o génio lusitano, fazendo passar por imbecis os restantes.

### Do ensino à imprensa: sob o lema da qualidade

O lema da "qualidade" tem vindo a assumir sintomas de obsessão na linguagem política dominante. A qualidade é um pressuposto da competitividade e não há sucesso se não formos competitivos. Logo, a busca da qualidade/excelência deve es-

tar presente no agir quotidiano dos pobres portugueses que foram cair no meio duma Europa muito mais avançada, digo, competitiva. Tevimos durante a inauguração da nova escola superior de comunicação social, mais uma prelecção do dr. Cavaco Silva em defesa da comunicação social do futuro que tem de ser, afirmou, uma informação de qualidade. Não haverá mais lugar para utentes menores da língua nacional que, falhos de qualidade, sujaram a imprensa com a sua tremenda falta de qualidade. Não mais aberrações como Filho de Almeida, como Ferreira de Castro, Raul Brandão, Batista-Bastos, Cardoso Pires e outros tantos, enfim, a maioria daqueles que povoam a literatura portuguesa e encontraram na imprensa fonte de alimento para o estômago e para a alma. Num futuro breve, espera-se, para fazer jornalismo é preciso ter frequentado a escola da qualidade criada para o efeito, sustentada e dirigida pelo Estado. Perante as afirmações do nosso P.M. não pareceu haver qualquer reacção, nem da oposição, nem dos jornalistas (ao contrário do que sucedeu noutras ocasiões - a questão da "qualidade" não é só uma tara laranja). E a nova lei de imprensa parece ser criticável porque pode expor os jornalistas... à cobiça das empresas de ven-

### Os professores de qualidade

A mesma necessidade de qualidade impôs a todos os professores a necessidade de formação contínua. O princípio é lindo mas na prática serve mais para desqualificar e desprestigiar a função docente do que para qualquer outra coisa. Agora, cada professor do ensino básico e secundário tem de acumular "créditos" de formação se quiser subir de categoria ao fim dos anos que a carreira docente estabelece. Pode o professor frequentar os seminários ou os cursos que considerar mais adequados para o desempenho da sua missão que isso de nada serve. Segundo este esquema, pode um professor de Matemática tirar um doutoramento no M.I.T. que isso não lhe traz qualquer vantagem profissional. Um curso de verão em Oxford de nada serve para um professor de Inglês. O que importa são os cursos de formação que dão "créditos" e que são um bom negócio para as entidades promotoras pois são financiados (e bem pagos) pelos programas comunitários. Entre essas entidades constam... os sindicatos de professores! E agora o negócio vai passar para as universidades que desta maneira arranjam financiamento indirecto. Pouco importa que todo esse dinheiro fos-

cançar uma educação própria para as elites. E depois... há que respeitar a cultura de cada um, o multiculturalismo, etc.!

Os próprios professores foram já formados neste sistema. Quantos terão conhecido uma escola secundária bem equipada e com um bom clima pedagógico? Os professores são hoje sobretudo "agentes de ensino". No essencial fazem o que lhe mandam e, para além de "dar aulas", não sabem fazer mais nada. São frutos maduros dos "cursos via ensino". Há dois anos, com a ideia de garantir o "sucesso educativo", o M.E. mandou os professores passarem os alunos (não foi bem assim, o processo foi mais subtil, é claro). E assim aconteceu. Depois veio o deputado ministro dizer que tinha sido demais. Assim, o ano passado reprovaram mais uns quantos. Parece agora que a reforma educativa deu meia volta e mesmo assim há que exigir mais. E os exames vêm aí. Este ano, o número de retidos deverá aumentar certamente.

Percebe-se assim a necessidade de salvar algumas destas escolas e equipá-las convenientemente. Como panaceia que tudo resolve, mais milhões foram anunciados, desta vez para os equipamentos do ensino básico e secundário. Os nossos pequenos einsteins não podem ser vítimas de tanta falta de qualidade. Os nossos Bill Gates merecem escolas melhores. Os outros não as merecem. As escolas de excelência são pois um imperativo nacional. Esperemos é que tanta excelência não vá parar aos corredores de Bruxelas, onde o génio nacional se vem esgotando, empenhado como está em bem acautelar os interesses nacionais e em trazer tanto dinheiro ao país.

Escolas de excelência e escolas pobres, periféricas física e socialmente. O modelo norte-americano está aí, a impôr-se pelo facto onde o pensamento humanista não permite que o modelo se anuncie claramente.

Cabe a cada um de nós fazer com que a educação se torne uma responsabilidade social dos pais, dos professores e dos alunos. A escola pública é apenas um dos meios do Estado garantir que esse bem superior que é a ilustração possa ser alcançado por todos. A escola em si mesma não pode ser um assunto de Estado. Até agora, o Estado democrático demitiu-se das funções que proclama defender, pois está longe de criar as condições efectivas para que cada um e todos se desenvolvam física e intelectualmente na medida das suas capacidades. Por outro lado, comporta-se como uma instituição corporativa que guarda para si o privilégio de tudo definir na vida da escola, desde a competência dos professores para ensinar até as competências que devem ser avaliadas. O sucesso educativo só pode resultar do empenhamento dos pais, dos alunos, dos professores no ensino, em suma, do valor que o conjunto da sociedade atribui à educação. Se o poder central deve ter aqui algum papel, deve ser apenas o de estabelecer as condições de igualdade no acesso à escola (entenda-se, desde o ensino básico até ao nível mais elevado de ensino).

O *Notícias da Educação* é assim um marco na excelência do jornalismo pedagógico. A propósito da colaboração prestada pelo Ministério da Educação à UGT que decidiu lançar uma campanha de sensibilização nas escolas contra o trabalho infantil, ficamos a saber que a "Inspeção-Geral do Trabalho [é] o organismo que em Portugal tem a liderança no combate ao trabalho infantil". E noutro passo, diz-se: "Dentro do trabalho infantil pode ainda falar-se de formas menores como é o caso da mendicância e da prostituição". Enfim, uma leitura obrigatória.

Valentim



da ao domicílio (teledito por um dirigente do sindicato dos jornalistas).

No ensino, essa coisa da qualidade não é só para alindar discursos. Foi mesmo criado o Observatório da Qualidade da Escola (OQE) que, na opinião da sua responsável, "constitui um dispositivo de organização da informação de escola orientado para o controlo da qualidade dos resultados escolares e dos factores que os afectam" (NE, 14, p.4). E, somos depois esclarecidos, "as prioridades que estão a orientar o aperfeiçoamento do sistema educativo" são "garantir o cumprimento da escolaridade de nove anos e controlar a população em risco de não a cumprir". Ou seja, a qualidade de ensino passa pelo cumprimento obrigatório dos nove anos na escola por todos os portugueses. Afasta-os da rua, dos seus efeitos perniciosos, e dos maiores perigos, a marginalidade, o roubo, a droga, os bandos de jovens ociosos. Por pouco que a escola oficial ensine, sempre é melhor do que aquilo que a rua ensina. Pagar a um professor é muito mais barato do que pagar a um polícia, a um juiz e a um carcereiro. O ensino obrigatório é tanto uma questão de "desenvolvimento" como de "ordem pública" (agora diz-se, "de coesão social").

Agora para se poder saber qualquer coisa é preciso ter o nono ano de escolaridade. Há rapazes que lutam por entrar no ensino profissional ou técnico-profissional e como não têm vagas ou são mal sucedidos, voltam para o ensino público corrente onde o "sucesso" é sempre garantido. A escola concentracionária despejo do entulho social está aí, filha da massificação (há quem lhe chame "democratização").

se mais bem aplicado naqueles que mais necessitam da formação que são os trabalhadores desqualificados.

Tal como o ensino está, ao fim de 9 anos de escolaridade a maior parte dos jovens portugueses não é capaz de falar e de escrever com correcção a sua língua, nem de ler um livro noutra língua, não sabe tocar qualquer instrumento musical, não pratica correctamente qualquer modalidade desportiva, não sabe qualquer ofício, não tem o gosto pela criação nem pela descoberta. Os seus passatempos não são a astronomia, a botânica, a poesia ou a literatura. Normalmente, as suas actividades são inteiramente passivas: jogam "computador" (jogos de vídeo), vêm programas de televisão estupidificantes, ouvem música eléctrica e se praticam alguma actividade lúdica é num clube ou em qualquer associação fora da escola. Se estudam não é pelo prazer do saber, é para tirar um curso para depois arranjar emprego. Em adultos, tiram cursos para legitimar as posições que ocupam. Eles são feitos para serem "versáteis" na produção, na qual participam como objectos passivos mas autónomos e, sobretudo, bons consumidores e muito acrílicos do quotidiano que lhes constroem.

Algumas explicações eruditas para este paradoxo (a baixa de qualidade do "produto" no meio de tanta "formação") prendem-se com a chamada "massificação do ensino". É que agora está "toda a gente" dentro da escola. E a universalização dum ensino destinado às elites só podia conduzir ao abaixamento do nível de ensino. O tipo de argumentação que subjaz a estas convicções tem este pressuposto racista: os grupos sociais inferiores não conseguem al-